



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

Isabelle da Fonsêca Xavier

**O TURISMO DO OBSCURO: FATORES COGNITIVOS E
AFETIVOS QUE MOTIVAM O INTERESSE EM DESTINOS
FOMENTADOS POR DESASTRES AMBIENTAIS**

Natal

2021

Isabelle da Fonsêca Xavier

**O TURISMO DO OBSCURO: FATORES COGNITIVOS E AFETIVOS
QUE MOTIVAM O INTERESSE EM DESTINOS FOMENTADOS POR
DESASTRES AMBIENTAIS**

Linha de Pesquisa: Gestão em Turismo

Proposta de defesa de dissertação de mestrado
apresentado ao Programa de Pós-graduação em
Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como requisito obrigatório para o mestrado.

Orientador: Prof. Sergio Marques Júnior. Dr

Natal

2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências Sociais Aplicadas - CCSA

Xavier, Isabelle da Fonseca.

O turismo do obscuro: fatores cognitivos e afetivos que motivam o interesse em destinos fomentados por desastres ambientais / Isabelle da Fonseca Xavier. - 2021.
97f.: il.

Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Natal, RN, 2021.
Orientador: Prof. Dr. Sérgio Marques-Júnior.

1. Dark Tourism - Dissertação. 2. Turismo de desastre - Dissertação. 3. Fatores cognitivos - Dissertação. 4. Fatores afetivos - Dissertação. 5. Desastre ambiental - Dissertação. I. Marques-Júnior, Sérgio. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/Biblioteca CCSA

CDU 338.48:504

ISABELLE DA FONSÊCA XAVIER

**O TURISMO DO OBSCURO: FATORES COGNITIVOS E AFETIVOS QUE
MOTIVAM O INTERESSE EM DESTINOS FOMENTADOS POR DESASTRES
AMBIENTAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre, na área de Gestão em Turismo.

Orientador: Sergio Marques Júnior. Dr.

Natal (RN), 26 de fevereiro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Sérgio Marques Júnior, Dr. - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Presidente da Banca Examinadora

Luiz A. M. Mendes Filho, Dr. - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Membro Interno da Banca Examinadora

Márcio Marreiro das Chagas, Dr. - Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) Membro Externo da Banca Examinadora

NATAL/RN
2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por todas as bênçãos a mim concedidas para realizar meus objetivos.

À minha família, minha fonte inesgotável de força e apoio. Em especial aos meus pais, Evanilda e Itamar, os quais por meio do próprio exemplo me mostraram que nunca é tarde para realizar seus sonhos e que o estudo é o meio para alcançá-los. E aos meus irmãos, sempre presentes e prontos para entender-me a mão quando necessário.

Aos amigos, pela torcida e por se mostrarem interessados na minha pesquisa quando esta era o único assunto do qual eu sabia falar.

Ao meu orientador Sérgio Marques, o qual me aceitou antes mesmo de eu passar na seleção do mestrado, e que tornou essa jornada imensamente mais fácil através de seus conselhos e instruções.

Agradeço a todos os professores do PPGTUR, pelas contribuições, em especial à Luiz Mendes Filho, o qual sempre se mostrou apto a me ajudar a qualquer momento, e Almir, que leu meu referencial teórico cautelosamente e me deu grandes direcionamentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e auxílio financeiro durante o curso.

E por fim, a todos que contribuíram de alguma forma com a realização deste trabalho.

O presente trabalho foi desenvolvido com auxílio financeiros das seguintes Instituições:
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – CAPES



Tudo o que temos de decidir
é o que fazer
com o tempo que nos é dado.
(J. R. R. Tolkien)

RESUMO

Dark tourism ou Turismo Obscuro se constitui de destinos relacionados de alguma forma ao sofrimento e ao macabro. Os diferentes atrativos e destinos que se encaixam neste segmento formam subsegmentos para o mesmo, como o turismo cemiterial, turismo de guerra e turismo de desastre, o qual será o foco do presente estudo. O Turismo de Desastre (*Disaster Tourism*) ocorre quando turistas visitam um lugar onde ocorreu alguma tragédia. Partindo da premissa de que esse tipo de turismo pode ser perturbador e aparentemente não prioriza o lazer, como outros segmentos turísticos o fazem, o objetivo do presente estudo foi investigar as interrelações entre fatores cognitivos e afetivos positivos e negativos capazes de influenciar pessoas a visitarem lugares onde ocorreram desastres ambientais. Em conformidade com o objetivo da pesquisa, adaptou-se um modelo conceitual de fatores que influenciam a intenção de visitar um destino *dark*, ressaltando que o modelo estrutural proposto foi adequado para a realidade do turismo de desastre. A pesquisa se define como hipotético-dedutiva, descritivo-exploratória, e de análise quantitativa através da utilização dos softwares IBM SPSS e AMOS versão 23.0. Os resultados indicam que as dimensões derivadas do modelo conceitual base, em conjunto com as adicionadas posteriormente a partir de revisão bibliográfica, são componentes expressivos dos Fatores Cognitivos e Afetivo Positivos e Negativos. A partir do modelo estrutural composto, percebeu-se que a Intenção de Visita a destinos de desastre é influenciada diretamente pela Afetividade Positiva e indiretamente pela Afetividade Negativa e Fatores Cognitivos. Desta forma conclui-se que questões emocionais e intrínsecas do indivíduo são mais relevantes em sua intenção de visitar destinos de desastre, enquanto questões racionais e emocionais de cunho negativo, desmotivam esse interesse.

Palavras-chave: Dark Tourism. |Turismo de desastre. Fatores cognitivos. Fatores afetivos. Desastre ambiental

ABSTRACT

Dark tourism is made of destinations related in some way to death, suffering and the macabre. The different attractions and destinations that fit into this segment form sub-segments of it, such as cemetery tourism, war tourism and disaster tourism, which will be the focus of this study. Disaster tourism occurs when tourists visit a place where tragedy has occurred, and its traces and consequences are still visible. Based on the premise that this type of tourism can be disturbing and apparently does not prioritize leisure, as other tourist segments do, the objective of the present study is to investigate the interrelationships between cognitive and affective factors capable of influencing people to visit places where environmental disasters occurred. In accordance with the study objective, the conceptual model of factors that influence the intention to revisit a dark destination, proposed by Zhang, et al. (2016) was adapted to the reality of disaster tourism. The research is defined as hypothetical-deductive, descriptive-exploratory, with a quantitative approach through the use of IBM SPSS and AMOS software version 22.0. The results indicate that the dimensions derived from both the basic conceptual model and those added afterwards from a bibliographic review, are expressive components of the Cognitive and Positive and Negative Affective Factors. From the composite structural model, it was noticed that the Intention to Visit disaster destinations is directly influenced by Positive Affectivity and indirectly by Negative Affectivity and Cognitive Factors. Thus, it is concluded that the individual's emotional and intrinsic issues are more relevant in his intention to visit disaster destinations, while rational and negative emotional issues, discourage this interest.

Keywords: Dark Tourism. Disaster Tourism. Cognitive factors. Affective factors. Environmental disaster.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CC – Confiabilidade Composta

VME – Variância Média Extraída

AFE – Análise Fatorial Exploratória

AFC – Análise Fatorial Confirmatória

MEE – Modelagem de Equações Estruturais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Chegada de visitantes a Medellin entre 2008 e 2016.....	16
Figura 2. Espectro de obscuridade de Stone.	24
Figura 3. Modelo conceitual de fatores que influenciam a intenção de visitar um destino <i>dark</i>	38
Figura 4. Modelo de pesquisa proposto – Fatores cognitivos, afetivos positivos e negativos na intenção de visita de um destino que sofreu desastres ambientais	47
Figura 5. Resultados do modelo estrutural baseado no modelo de Zhang, et al. (2016)..	54
Figura 6: Resultados do modelo estrutural baseado no modelo de Zhang, et al. (2016) .	73
Figura 7 Modelo estrutural reespecificado	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Desastres ambientais e número de turistas em países selecionados	34
Tabela 2 Instrumento de coleta de dados.	48
Tabela 3 Perfil dos respondentes em relação ao gênero.....	56
Tabela 4 Perfil dos respondentes em relação à faixa etária.....	56
Tabela 5 Perfil dos respondentes em relação ao estado civil	57
Tabela 6 Perfil dos respondentes em relação à escolaridade.....	57
Tabela 7 Perfil dos respondentes em relação à frequência com que viajam.....	58
Tabela 8 Respondentes que já viajaram para destinos de desastre	58
Tabela 9 Indicadores da análise descritiva – Fatores Cognitivos	59
Tabela 10 Indicadores da análise descritiva – Fatores Afetivos Positivos.....	60
Tabela 11 Indicadores da análise descritiva – Fatores Afetivos Negativos	61
Tabela 12 Indicadores da análise descritiva – Intenção de Visita a destinos de desastre	62
Tabela 13 Análise fatorial exploratória – dimensão História.....	64
Tabela 14 Análise fatorial exploratória – dimensão Educação	64
Tabela 15 Análise fatorial exploratória – dimensão Mídia.....	65
Tabela 16 Análise fatorial exploratória – dimensão Aventura.....	66
Tabela 17 Análise fatorial exploratória – dimensão Reflexão.....	66
Tabela 18 Análise fatorial exploratória – dimensão Medo	67
Tabela 19 Análise fatorial exploratória – dimensão Restrições Pessoais	68
Tabela 20 Análise fatorial exploratória – dimensão Falta de Curiosidade	69
Tabela 21 Análise fatorial exploratória – dimensão Intenção de Visita.....	70
Tabela 22 Análise fatorial confirmatória – Fatores Cognitivos	70
Tabela 23 Análise fatorial confirmatória – Fatores Afetivos Positivos	71
Tabela 24 Análise fatorial confirmatória – Fatores Afetivos Negativos.....	72
Tabela 25 Análise fatorial confirmatória – Intenção de Visita	72
Tabela 26 Índices de ajustamento do modelo	74
Tabela 27 Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural – Fatores Cognitivos	75
Tabela 28 Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural – Fatores Afetivos Positivos	76
Tabela 29 alores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural – Fatores Afetivos Negativos	77

Tabela 30	Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural – Intenção de Visita	77
Tabela 31	Análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída	78
Tabela 32	Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural reespecificado – Fatores Cognitivos	79
Tabela 33	Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural reespecificado – Fatores Afetivos Positivos	80
Tabela 34	Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural reespecificado – Fatores Afetivos Negativos.....	80
Tabela 35	Valores pré-requisitos para análise das cargas fatoriais padonizadas do modelo estrutural reespecificado – Intenção de Visita	81
Tabela 36	Análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural reespecificado – Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída	81
Tabela 37	Índice de ajustamento do modelo reespecificado.....	82

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Contextualização e problemática	14
1.3 Justificativa	17
1.4 Objetivo do Estudo	19
1.5 Organização do texto	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 <i>Dark Tourism</i> e experiências de viagens	21
2.2 Turismo de desastre.....	29
2.3 Fatores que afetam a intenção de visitar lugares de desastres ambientais	37
2.3.1 <i>Fatores cognitivos</i>	38
2.3.2 <i>Fatores afetivos positivos</i>	40
2.3.3 <i>Fatores afetivos negativos</i>	42
3 METODOLOGIA.....	45
3.1 Tipologia da pesquisa	45
3.2 Universo e campo de estudo	46
3.3 Modelo de análise	46
3.4 Instrumento de coleta de dados.....	48
3.5. Plano de coleta de dados	50
3.6 Técnicas de análise dos dados.....	50
3.7 Teste piloto.....	52
4 ANÁLISE DE DADOS.....	55
4.1 Análise descritiva do estudo	55
4.1.1 <i>Análise descritiva do perfil sociodemográfico dos respondentes</i>	55
4.1.2 <i>Análise descritiva das variáveis do estudo</i>	58
4.2 Adequação de um modelo de mensuração eficaz na investigação da intenção de visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais	62

4.3 Desenvolvimento de um modelo estrutural para investigar o relacionamento das dimensões que influenciam a intenção de visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais	72
4.4 Validação dos construtos do modelo	75
4.5 Modelo estrutural reespecificado	78
4.6 Análise das hipóteses	83
5 CONCLUSÕES.....	86
5.1 Implicações teóricas da pesquisa	87
5.2 Implicações práticas da pesquisa	87
5.3 Recomendações e limitações do trabalho	88
REFERENCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas a contextualização do tema e o problema da pesquisa, as justificativas para executar a mesma, e as possíveis contribuições do trabalho tanto para o âmbito acadêmico, como social e mercadológico. Posteriormente o objetivo geral e específicos do estudo são definidos, assim como apresentada a forma como o estudo foi estruturado.

1.1 Contextualização e problemática

“O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diversos, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais” (Moesch, 2002). Esse conceito fundamenta bem o produto turístico, sendo esses os principais objetivos procurados por turistas, mesmo que alguns destinos ofereçam apenas alguns dos elementos citados pelo autor.

O turista é tido como o indivíduo que procura satisfação em atrações inautênticas e artificiais, desfrutando pseudo-eventos e desconsiderando o mundo "real" (Cooper, 2003). Porém essa definição é ultrapassada e não define a expansão, complexidade e diversidade dos indivíduos pertencentes a este grupo. No segmento turístico observado no presente estudo, o *Dark tourism*, quando os turistas viajam para uma gama de lugares com temática sombria que pode, ou não, ser autêntica, artificiais ou genuínas, reais ou fugas da realidade (Kang, Scott, Lee & Ballantyne, 2012).

Fazer trilhas em santuários ecológicos ou próximo a um vulcão em erupção? Visitar uma praia ou um cemitério? Fazer um *tour* gastronômico ou um noturno baseado em lendas urbanas? Para um turista de massa as respostas para essas perguntas devem ser óbvias, ou seja, as opções que envolvem lazer. O lazer foi por muito tempo, e ainda é para alguns, o sinônimo de turismo, mas o fenômeno seria bem limitado se esse fosse o único fator motivador para a realização do mesmo. Quesitos completamente opostos podem explicar o turismo, como a cultura local (Richards, 1996) e o sentimento de aventura (Sand & Gross, 2019), da mesma forma em que existe um segmento próprio para quem escolhe as respostas menos convencionais para os questionamentos apresentados.

Desde que as pessoas adquiriram a capacidade de viajar, têm sido atraídas para visitar lugares, atrações ou eventos que podem ser relacionados com a morte, o sofrimento, a violência e o desastre (Stone, 2005). O termo utilizado para esse tipo de viagem é *dark Tourism*, ou turismo obscuro, sendo a prática bem mais antiga do que o conceito científico do mesmo.

Esse tipo de turismo está em ascensão. O museu memorial de Auschwitz-Birkenau por exemplo, bateu recorde de visitas em 2019, recebendo cerca de 2,32 milhões de visitantes, cerca de 170 mil a mais do que no ano anterior (Museu de Auschwitz tem recorde de visitantes em 2019, 2020). A questão é que o *dark tourism* e o turismo de desastre podem ser uma experiência extremamente positiva, caso o turista tenha sensibilidade no modo de ver e viver a experiência. Caso contrário a experiência pode ser traumatizante para o visitante e desrespeitosa com o lugar, como o extinto campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, o qual recebeu turistas indelicados quanto ao seu contexto e significado histórico, e tiraram diversas fotos rindo e se divertindo no mesmo.

Ainda sobre o maior interesse de pessoas acerca do *dark tourism*, em 2017 por exemplo, o termo foi pesquisado mais de 2.8 milhões de vezes na plataforma Google (Soro, 2019), além de existirem agências de viagens voltadas para esse segmento, como a *Gamma Travel*, especializada no destino Chernobyl, e a *Volcano Esland*, especializada em vulcões. De acordo com o Inews (<https://inews.co.uk>, recuperado em 28 de junho, 2020) o número de visitantes a destinos *Dark* também têm aumentado. Por exemplo, as visitas a Chernobyl, na Ucrânia, aumentaram cerca de 350% entre 2012 e 2018, e aproximadamente 50.000 pessoas viajaram para o lugar em 2017, sendo estrangeiros cerca de 70% dos mesmos. A cidade de Medellin na Colômbia, ligada ao tráfico de drogas e à figura de Pablo Escobar, também teve aumento no número de visitantes, mais de 400 mil a mais entre 2008 e 2016 (Soro, 2019), conforme pode ser observado na Figura 1:

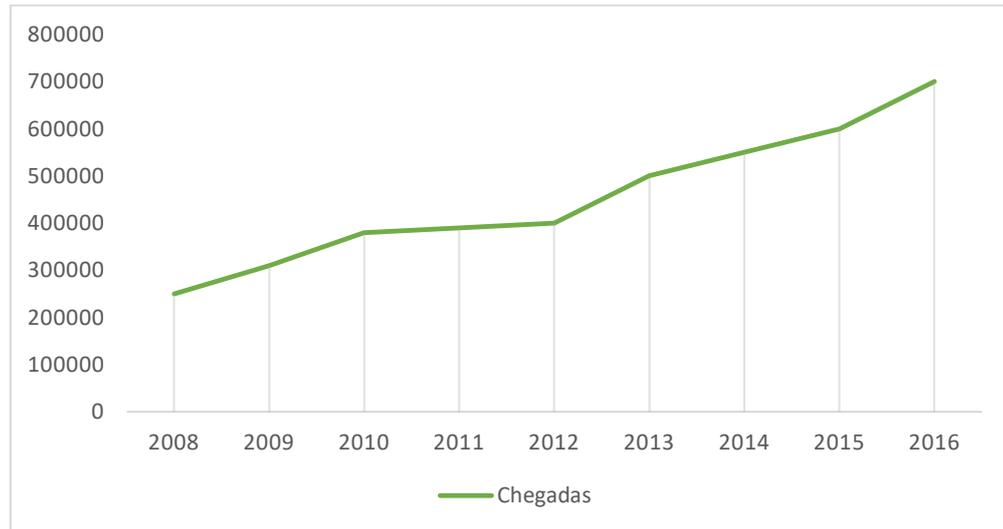


Figura 1. Chegada de visitantes a Medellín entre 2008 e 2016.

Fonte: Adaptado de Soro, E. (2019). Dark tourism: Profiles, niches, motivations and experiences at a global level. *The Ostelea School Of Tourism & Hospitality*, 1-39

Neste contexto surge o turismo de desastre, um fragmento do turismo obscuro pouco explorado academicamente (Alikhani, 2019), mas que aparenta ter grande número de viajantes interessados, tendo agências específicas para ele, como a britânica *Disaster Tourism* e a americana *Storm Chasing Adventure Tours*, as quais levam turistas para ver desastres naturais em tempo real, com pacotes por preços que variam de R\$420 a US\$ 2.400 (Franco, 2011).

Em suma, a pesquisa sobre destinos pós-desastre ainda permanece uma área nova e pouco pesquisada, especialmente no que diz respeito a ir além do foco na restauração dos atributos do destino tradicional para desenvolver novos atributos derivados do desastre. A pesquisa empírica sobre o comportamento do turista no contexto de tais destinos é limitada. Além disso, os poucos estudos que examinam as motivações para destinos pós-desastre apenas chamam a atenção para os visitantes reais, negligenciando a importância dos visitantes potenciais ou da demanda latente na recuperação do destino (Biran, Liu, Li & Eichhorn, 2014, pp. 6 -7, tradução nossa¹).

Stone (2005, 2006) já declarava que a demanda do turismo obscuro e sua motivação eram de fundamental importância, pois apesar da temática ter começado a chamar a atenção de pesquisadores desde a metade da década de 90 (Wright, 2018), ainda não existem muitos estudos acadêmicos, os quais abordem o que leva as pessoas a visitarem tais lugares. Alguns

¹ In summary, research into post-disaster destinations still remains a new and under-researched area, particularly with regard to moving beyond the narrow focus on restoring traditional destination's attributes to developing new attributes deriving from the disaster. Mostly, empirical research on tourist behavior in the context of such destinations is limited. Further, the few studies that examine motivations to post-disaster destinations only draw attention to actual visitors, hereby neglecting the importance of potential visitors or latent demand in the recovery of the destination (Biran, Liu, Li & Eichhorn, 2014, pp. 6-7).

estudos já abordaram essa temática motivacional, como Yan, Zhang, Zhang, Lu e Guo (2016) que analisaram diversos tipos de motivação relacionadas à experiência na visita à Beichuan, condado atingido por terremoto em 2008, tendo boa parte de seus prédios destruídos. O estudo aponta motivações educacionais, de lazer, curiosidade e emocionais interagindo com diversas formas de experiência. Enquanto Podoshen (2013) verificou que os aspectos chave para a motivação no *dark tourism*, eram uma simulação relacionada com o emocional. Porém, esses estudos não abordam a perspectiva ambiental almejada aqui. E se há a necessidade de estudar motivações por trás do amplo âmbito do turismo obscuro, há ainda maior necessidade de estudá-las sob a perspectiva de seu subsegmento, turismo de desastres.

A maior parte dos estudos que relacionam turismo e desastres ambientais focam no destino e na recuperação da imagem do mesmo (Fountain & Cradock-Henry, 2020), menosprezando o papel que o viajante pode representar nessa revitalização. Dessa maneira, faz-se necessário estudos que priorizem o ator turista e o que o faz se interessar por tais lugares. Esse interesse depende tanto de fatores externos (história, localização) quanto internos do indivíduo (emoções, curiosidade), não sendo diferente no turismo de desastre, o qual depende de grande motivação do turista para observar as áreas e pessoas que vivenciaram desastres naturais e permanecem em áreas de risco (Rucińska, 2016). Dessa forma, tem-se como pergunta central do presente trabalho: De que modo fatores cognitivos e afetivos motivam pessoas a visitarem lugares onde ocorreram desastres ambientais?

1.3 Justificativa

A ideia usual que se tem de turismo é de sol e praia, montanhas e serras. A palavra lazer é quase um sinônimo de viagem turística. Nesse sentido o *dark tourism* é um segmento pouco convencional para algumas pessoas, propondo viagens a lugares palco de tragédias, massacres e desastres que marcaram a história da humanidade, causando estranhamento a união desses eventos e turismo (Silva & Carvalho, 2018), pois sua ideia de férias e viagens são de fuga da realidade maçante, violência e poluição da cidade, podendo causar a inquietação “Por que visitar um lugar que me traga mais angústia e tristeza do que meu cotidiano?”

Do ponto de vista teórico, o presente tema faz-se relevante para o meio acadêmico por apropriar-se da realidade para observá-la sob o viés científico e, posteriormente gerar discussões sobre a motivação em visitar lugares palco de desastres ambientais. A aparente lacuna de dados referentes aos fatores cognitivos e afetivos que motivam o interesse nesse

tipo de turismo se dá pela escassez de estudos que se aprofundam no turismo de desastre, de forma que os estudos que analisam tais fatores se dirigem majoritariamente ao segmento *dark*, e não a seus nichos de desastre (Rucińska & Lechowicz, 2014), guerra (Yoshida, Bui & Lee, 2016) e presídio (Amaral, 2016), por exemplo. Exaltando dessa maneira a pertinência deste estudo, o qual pode servir de base para pesquisas futuras deste subsegmento.

Outro fato a ser considerado é sua relevância do ponto de vista social, já que o turismo de desastre carrega consigo o segmento exotérico, de se conectar com o lugar visitado e ter momentos de autodescoberta numa viagem. Discutir tal tema pode ajudar os destinos que passaram por desastres ambientais a analisar seu público alvo e o que os motiva.

Do ponto de vista mercadológico, seu valor se dá pelo fato de que, após um desastre natural, a visita de turistas pode ajudar a reestabelecer valores econômicos, formando a necessidade de entender o que atrai tais turistas.

O estudo também se faz relevante pelo uso da Modelagem de Equações Estruturais, metodologia relevante e pertinente por suas vantagens, sendo elas:

- a) permitem que se trabalhe simultaneamente com estimação e mensuração; b) permitem que sejam estimados efeitos diretos e indiretos de variáveis explicativas sobre variáveis respostas; c) são bastante robustos, em função do relaxamento de pressupostos, quando comparados, por exemplo, com o modelo de regressão de mínimos quadrados e; d) apresentam facilidade interpretativa advinda de suas interfaces gráficas.” (Neves, 2018, p.8)

Stone (2006) declarou que nenhuma análise da oferta de turismo obscuro pode ser completa se o comportamento do turista e a demanda pelo produto turismo não forem reconhecidos. Portanto entender o que motiva pessoas a se interessar por esse tipo de lugar é de exímia importância para o estudo desse segmento. Como existe um conjunto diversificado e fragmentado de fornecedores de turismo obscuro, os motivos dos turistas que visitam e consomem esses produtos são igualmente diversos (Stone, 2006).

O *Dark tourism* é um processo de consumo simbólico que fornece experiências cognitivas e emocionais a turistas que se relacionam com o produto turístico, seja ele feito pelo homem ou surgido a partir de um desastre natural (Yan, Zhang, Zhang, Lu & Guo, 2016). Cada destino ou atrativo *dark* tem características distintas, levando pesquisadores acadêmicos a focar em tipos específicos do mesmo (Kang, et al. 2012), justificando-se assim o foco do presente trabalho no segmento turismo de desastre, um subsegmento do turismo obscuro, através de elementos cognitivos e afetivos.

1.4 Objetivo do Estudo

Tendo como base as justificativas já apresentadas, esse trabalho tem como objetivo geral investigar as inter-relações entre fatores cognitivos e afetivos capazes de influenciar a intenção das pessoas a visitarem lugares onde ocorreram desastres ambientais.

Os objetivos intermediários desta pesquisa são três:

- a) Descrever o perfil sociodemográfico do segmento de mercado interessado em viajar para um destino turístico de desastres;
- b) Adequar um modelo de mensuração para investigar dimensões compostas de variáveis cognitivas e afetivas capazes de influenciar na escolha de um destino turístico de desastres;
- c) Desenvolver um modelo estrutural para investigar as relações de interdependência entre variáveis cognitivas e afetivas capazes de influenciar na escolha de um destino turístico de desastres.

1.5 Organização do texto

Este estudo está dividido em cinco partes sequenciais, a introdução, o referencial teórico, procedimentos metodológicos, a análise dos resultados e conclusão

O primeiro capítulo apresenta o trabalho, apontando sua contextualização, pergunta problema, justificativas e objetivos do estudo, enquanto que o segundo capítulo trata do referencial teórico utilizado, apresentando a principal literatura acerca da temática escolhida e pertinente para o estudo.

Ele se divide em quatro partes, sendo elas a apresentação e conceituação de *dark tourism*, relacionando-o com a experiência turística; a segunda trata do subsegmento turismo de desastre, apontando suas diferenças e semelhanças, e também exemplificando desastres ambientais que servem (ou serviram) como destinos e atrativos turísticos, pois as características próprias de cada lugar são importantes para compreender os motivos que levam turistas até o mesmo (Poria, 2004), fazendo-se relevante observar a dinâmica de tais lugares; a última parte se refere à fatores cognitivos e afetivos positivos e negativos que, de acordo com pesquisas anteriores, motivam a visita a tais lugares. A terceira parte trata dos procedimentos metodológicos, ela se divide em caracterização do estudo, seu universo e campo de pesquisa, o plano de coleta de dados, as técnicas de análise dos dados e as expectativas do estudo.

A quarta parte do trabalho se refere à análise dos dados obtidos a partir da coleta de dados, se dividindo em análise descritiva do perfil sociodemográfico dos respondentes e das variáveis do estudo, modelo de mensuração, modelo estrutural, análise de hipóteses e reespecificação do modelo, enquanto a quinta e última parte são as conclusões da pesquisa, apresentando os resultados finais, implicações práticas, limitações e recomendações para trabalhos futuros da área.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são apresentadas as principais bases teóricas aproveitadas no presente estudo. Ele é dividido em três partes: a apresentação e conceituação de *dark tourism*; a explanação acerca do subsegmento do turismo obscuro, turismo de desastre, e os fatores cognitivos e afetivos que podem afetar a motivação do turista em visitar esses lugares

2.1 *Dark Tourism* e experiências de viagens

Dark tourism, turismo macabro ou turismo obscuro pode ser entendido como o segmento turístico que envolve morte, desastres e o macabro (Stone, 2006). Como os produtos do *dark tourism* são multifacetados, complexos em design e finalidade e de natureza diversa, talvez seja claro que o termo universal “dark” aplicado ao turismo seja muito amplo e não exponha de forma gradual a multicamada de sua oferta (Stone, 2006). Os termos utilizados para esse turismo associado à morte e desastres são diversos, desde o próprio *dark tourism*, turismo negro, turismo sombrio, *black spot tourism*, *thanatourism*, turismo mórbido, *grief tourism*, turismo macabro entre outros (Tomašević, 2018). Talvez por essa grande gama de elementos o turismo obscuro, como será denominado neste estudo, seja visto com preconceito por muitas pessoas, por imaginarem algo bizarro, herege e satânico. Claro que destinos com essas temáticas existem, mas esse turismo também carrega consigo valores exotéricos, históricos e educacionais.

A autenticidade é um fator presente na maioria dos destinos e atrativos *dark*, criando valor nas experiências turísticas e melhorando o consumo expressivo de bens turísticos, como artes e cultura (Prebensen, Chen & Uysal, 2018). Desta forma, o *dark tourism* é ideal para os que procuram experiências exóticas, como por exemplo, dormir num antigo presídio como a *Old Vermilion jailhouse* em Ohio – EUA, construída em 1910 e que atualmente serve como pousada, ou despertar seu imaginário ao visitar *Le Château D'if*, a antiga prisão que funcionou entre 1527 e 1529 e que serviu de cárcere ao futuro Conde de Monte Cristo no romance de Alexandre Dumas, publicado entre 1844 e 1846 (Amaral, 2016).

E ao se falar em experiência, Amatuzzi (2007) informa que a mesma se faz pela empiria, ou seja, pelo contato com a realidade.

Experiência relaciona-se com o que se vê, com o que se toca ou sente, mais do que com o pensamento. O que se deduz a partir do que se vê não é propriamente

“experiencial”, mas pensado. Conhecimento experiencial é o diretamente produzido pelo contato com o real (Amatuzzi, 2007, p. 9)

Ao final da década de 70, Cohen (1979) já discutia sobre a experiência turística, definindo-a como o relacionamento entre uma pessoa e a sua perspectiva sobre o mundo, a qual depende do ambiente e pessoas do cotidiano. No fim da década de 90, Pine e Gilmore (1999) a definiram como impressões emocionais, físicas, espirituais e intelectuais que uma pessoa adquire durante uma viagem.

Pode também ser entendida como o “conhecimento adquirido na prática” (Amatuzzi, 2007, p. 13). A experiência, segundo o autor, é fundada a partir de vivências, o que a põe como protagonista do turismo, dando ao viajante, novas perspectivas a respeito de sua vivência cotidiana. E voltando para seu cotidiano como pessoas diferentes após essas vivências atípicas, e caso não voltem como indivíduos modificados, a experiência não foi realmente significativa (Pezzi & Vianna, 2015). Dessa maneira, entende-se que o turismo é um agente transformador, sendo capaz de alterar o estado emocional e modos de pensar do turista, de maneira que essas mudanças relacionadas à experiência turística se fazem mais evidentes em viagens do segmento *dark* já que o mesmo carrega temáticas inquietantes.

A capacidade do turista de moldar a viagem de acordo com suas vontades e necessidades é um diferencial do turismo em relação a outros produtos e serviços (Prebensen, Chen & Uysal, 2018), reforçando a ideia de autenticidade na experiência vivida em cada viagem e para cada turista, pois mesmo viajantes que compram pacotes de viagem idênticas numa agência de viagens e façam exatamente as mesmas atividades, eles não terão a mesma experiência. Isso porque a experiência turística é única para cada turista devido à heterogeneidade de cada um (Sugathan & Ranjan, 2019), já que cada turista carrega um conjunto único de experiências, motivações e desejos (Buhalis, 2008). Por isso que a mesma atração, no mesmo destino pode oferecer experiências completamente diferentes para diferentes pessoas, o que explica em parte porque o *dark tourism* é tão genuíno, pois suas motivações podem partir de questões extremamente pessoais, como visitar um campo de concentração nazista, onde familiares foram mortos.

No estado do Rio Grande do Norte, no município de São Gonçalo do Amarante, há o santuário em homenagem aos mártires de Cunhaú e Uruaçu, assassinados em dois morticínios dentro de igrejas em 1645. O massacre ocorreu devido a intrigas entre Portugal e Holanda, decorridas por causa de uma dívida não paga por Portugal para construir engenhos no Brasil, o que levou a Holanda a invadir sua colônia. Um lugar de herança e memória que também

pode ser considerado como destino obscuro. Já em Piranhas-AL, é comum turistas seguirem a trilha "rota do cangaço" até a gruta do Angico, lugar onde Lampião, Maria Bonita e mais cangaceiros foram emboscados e mortos. O passeio é feito com guias que recontam a história durante todo o percurso (Costa, 2013).

Esses dois exemplos de destinos mostram como o turismo obscuro não necessariamente precisam ser algo voltado a práticas sinistras e perniciosas. Apesar de suas histórias trágicas, o Santuário dos Mártires (beatificados em 2017) transmite sentimento de paz e espiritualidade, e a rota do cangaço é um programa familiar que permite conhecer mais da história nordestina.

Tarlow (2005), apresentando essa linha de pensamento mais espiritual, afirmou que o objetivo do visitante em qualquer um desses lugares é sentir o poder da fé e a ideia de que da morte pode vir a esperança, já que para o autor, um destino obscuro sem significado espiritual é apenas uma mercadoria. Porém não se deve ignorar o fato de que essa atividade é também econômica, pois transforma a história espiritual, mística e/ou nacional em atividade rentável e produtiva.

As viagens obscuras, apesar de não ser a forma mais usual ou a primeira ideia de viagem das grandes massas, é praticada desde os tempos antigos, quando as lutas de gladiadores em arenas como o coliseu eram uma forma de entretenimento popular. Com a morte e o sofrimento no cerne do produto gladiador e seu consumo ávido por espectadores, o Coliseu Romano pode ser considerado uma das primeiras atrações turísticas obscuras (Stone, 2005).

Há também espetáculos pós-modernos, onde tragédias passadas são reconstruídas, e frequentemente dependentes de recursos audiovisuais para manter sua popularidade. Um exemplo disso é o espetáculo "chuva de bala no país de Mossoró", uma encenação anual do conflito entre o bando de Lampião e o povo mossoroense ocorrido em 1927. Apesar dessas encenações e espetacularização de eventos trágicos passados, também existem destinos e atrativos obscuros que tentam apresentar a seus visitantes uma experiência mais autêntica e que remeta mais fielmente o acontecimento ali sucedido, como o campo de concentração de Auschwitz na Polônia, que apresenta os horrores do holocausto. Essa diferença de "graus de obscuridade" de destinos será retomada mais a frente.

Esse fascínio pela morte alheia gerou o que foi possivelmente o primeiro *tour* guiado na Inglaterra, onde uma excursão em Cornwall acompanhou o enforcamento de dois assassinos convictos (Stone, 2006). O turismo obscuro, como aparato histórico, deve permitir

que essa história seja apresentada com elementos de aventura, emoções e atividade física (Tarlow, 2005), como os *tours* e trilhas vulcânicas.

Existe diferença entre destinos feitos propositalmente para servirem como atrativos e exposições, que interpretam ou recriam eventos ou atos associados à morte e ao macabro, e os destinos “acidentais” ou não-propositais, como cemitérios, memoriais ou onde ocorreram desastres, e posteriormente se tornaram destinos turísticos por sua relação com eventos turbulentos e trágicos despertar a atenção, curiosidade e imaginário das pessoas.

Com isso em mente, Stone (2006) criou um espectro de obscuridade separando destinos em seis níveis dos mais obscuros aos menos. Em seu modelo Stone também coloca certos objetivos dos destinos, tais como interesses políticos, prioridade educacional ou de entretenimento, infraestrutura e origem do destino.

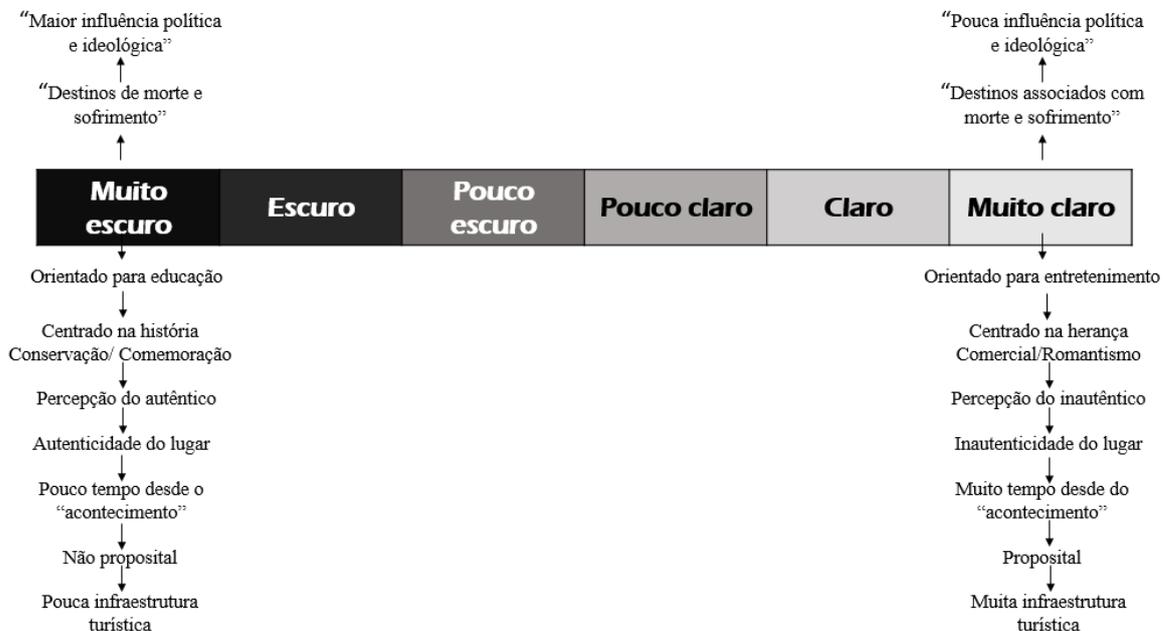


Figura 2. **Espectro de obscuridade de Stone.**

Fonte: Adaptado de Stone, P. (2006). A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attraction and exhibitions. *Tourism Management*, 54(2), pp.145-160.

Posteriormente o autor separou destinos obscuros em sete categorias, enfatizando que alguns destinos e atrativos podem se encontrar em mais de uma categoria.

A primeira categoria são as “dark fun factories”, ou fábricas de diversão, que têm por propósito o entretenimento e lucro comercial. Para tanto, têm grande estrutura turística e menos autenticidade. Um exemplo é o parque temático do Drácula na Romênia, inspirado no livro de Bram Stoker que não remete à realidade, assim como o Zumbi Experience no Reino Unido, o qual simula a experiência de um apocalipse zumbi. O turismo é sobre a criação

de narrativas interessantes que se conectam com os viajantes, sendo que essa narrativa pode ser uma representação da realidade, às vezes exagerada, infundada ou excessivamente dramatizada (Bec, Moyle, Timms, Schaffer, Skavronskaya & Little, 2019), sendo essa uma definição que se encaixa perfeitamente nas “Dark fun factorie” citadas por Stone (2006).

A herança de um lugar se torna contestada quando não há autenticidade estabelecida ou existem perspectivas conflitantes por falta de evidência científica ou documentada. Desta forma surgem relatos fictícios da história. No entanto, essas perspectivas contestáveis também são parte da herança local, e da experiência turística (Bec et al., 2019), incluindo lendas, mitos e demais expressões culturais não-verídicas como parte importante na concepção da experiência do turista.

Wright (2018) analisou essa temática do lado mais “claro” do espectro de Stone (2005), e observou hipoteticamente como um parque em 2100 utilizaria eventos trágicos do século XXI como entretenimento. Um de seus exemplos foi a possibilidade de “reviver” o terremoto e tsunami ocorridos no oceano Índico em 2004. Sua pesquisa foi feita considerando fatores como distância temporal e “dessensibilização” emocional, o que não parece tão absurdo ao considerar que as barbaras lutas de gladiadores da idade antiga servem atualmente como entretenimento em jogos de videogame e encenações em parques como o *Puy du Fou* na França (Andrews, 2018).

A segunda categoria seriam as exposições obscuras, que refletem valores educacionais e mensagens reflexivas. Elas Contêm infraestrutura turística e também visam o lucro, mas em menor proporção do que seu predecessor. Tem como exemplo museus.

A terceira categorias são as “masmorras obscuras”, que se baseiam em antigos presídios e tribunais, destacando que tais atrativos não foram criados para fins turísticos, mas adaptados posteriormente. “Tais prédios transformaram-se em museus, hotéis, bibliotecas e até mesmo área pública de convívio, e em comum, guardam a memória e a história de uma importante parte do sistema prisional respectivo” (Amaral, 2016, p. 293). Os exemplos mais populares são o antigo presídio Alcatraz em São Francisco – EUA, e o presídio onde Nelson Mandela permaneceu preso por 27 anos, Robben Island.

Mowatt e Chancellor (2011) afirmam que a viagem a destinos *dark* que possui significado histórico leva o turista a refletir, sobretudo se o viajante tiver alguma conexão com o lugar, como por exemplo o Castelo da Costa do Cabo, grande empório do comércio britânico de escravos entre 1664 a 1807 (Boateng, Okoe & Hinson 2018) que servia de prisão para escravos, e que, devido à grande extensão dos impactos da escravidão, gera sentimentos de identidade e associação aos visitantes.

A quarta categoria, são os “lugares de descanso”. Como o próprio nome sugere, são os cemitérios, que assim como o exemplo anterior, não foram feitos com o objetivo de serem atrativos turísticos.

Os Cemitérios são parte importante de uma cidade. Neles podem ser percebidos valores históricos e indenitários de um povo, porém mesmo que pertençam a um mesmo lugar, cada cemitério é capaz de despertar diferentes sentimentos em seus visitantes. Os mais tradicionais permitem que se construam túmulos de diversas estruturas diferentes, alguns chegam a ser confundidos com capelas. Já os mais modernos, procuram padronizar o lugar, oferecendo placas uniformizadas para todos os falecidos.

Tomašević (2018) dividiu os interesses em visitar cemitérios em seis categorias, são elas o valor ancestral, que seria a visitação a parentes falecidos; o valor cultural, que seria a visita a cemitérios como museus abertos, onde se encontram escritores famosos, cientistas, vencedores do prêmio Nobel, entre outros; O valor nacional, onde se visita memoriais como o de Hiroshima; O de valor natural, onde o cemitério possui grande área verde; O valor político, como visitas a tumbas de reis, presidentes e demais personalidades políticas; e o valor religioso, onde se visita tumbas com alto valor religioso, como a de Jesus em Jerusalém.

Valio (2006) destaca vários exemplos de cemitérios utilizados como atrativo turístico. Na França, sendo o mais famoso o *Père Lanchaise*, aberto em 1804 e com aproximadamente 100.000 túmulos, 5.300 árvores e atrações culturais e artísticas. Nele é possível visitar o túmulos de personalidades famosas como Oscar Wilde e Molière. Em Lisboa há o cemitério Alto de São João, aberto em 1840, foi construído após uma lei portuguesa proibir túmulos dentro ou ao lado de igrejas por questões ambientais. Londres tem o *Highgate*, construído pela iniciativa privada, lá se encontra a sepultura de Karl Marx. Ainda na Inglaterra, há o cemitério de *Brookwood*, um dos maiores cemitérios do mundo com mais de 240.000 túmulos, cobrando-se inclusive, taxa de entrada.

A quinta categoria de obscuridade são os santuários, que cultuam lembranças e respeito por aqueles que morreram recentemente. Esse tipo de destino é constante nas mídias, que o mostram incessantemente por um período de tempo. Os visitantes desses destinos geralmente não tiveram relação direta com os falecidos, porém mostram seu respeito por eles. Um exemplo conhecido é o *Ground Zero*, lugar onde eram localizadas as Torres Gêmeas em Nova York –EUA. Outros exemplos incluem escolas onde ocorreram massacres, e hotéis onde celebridades morreram.

A sexta categoria são os lugares de conflitos obscuros, com o nome sugestivo, são lugares onde ocorreram guerras e batalhas. Esses lugares associados com a guerra

possivelmente constituem uma das maiores categorias de atrações turísticas do mundo (Stone, 2006, p. 147). Um exemplo é a ilha onde ocorreu a batalha de Guadalcanal durante a segunda guerra mundial, que se tornou um destino turístico tanto por suas praias como pelos resquícios e detritos da guerra que lá permanecem por escolha do governo americano, o qual viu nisso uma “mina de ouro”.

As atrações relacionadas a guerra, como suas comemorações e museus, são alguns exemplos do *dark tourism* que tem se proliferado intensamente no século XX (Gotham, 2017). Esse subsegmento, assim como os demais, desperta os mais diversos sentimentos de compaixão, condolências, raiva, orgulho e afeto. Os eventos e lugares onde ocorreram guerras representam importantes atrações turísticas, levando visitantes a uma diversidade de lugares, como os relacionados às Guerras Napoleônicas, Guerra Civil Americana e Primeira e Segunda Guerras Mundiais, além de conflitos mais recentes (Henderson, 2000).

A Primeira Guerra Mundial, por exemplo, é um dos maiores conflitos utilizados como atrativo turístico, sendo conhecida até os dias atuais como a grande guerra, ela foi a maior e mais destrutiva até o momento em que ocorreu. Uma de suas batalhas mais marcantes foi a do Somme, a qual segundo a BBC News (<https://www.bbc.com/>, recuperado em 28 de julho, 2020) ocorreu em 1916 na França e resultou em mais de 1 milhão de mortes. Esse evento ocasionou um grande número de operadores turísticos oferecendo *tours* que trazem a violência da mesma de volta a vida (Stone, 2006).

Apesar disso, a Segunda Guerra Mundial se equipara e talvez até supere a primeira em quesito de atrativos turísticos e memoriais (<https://www.theculturalexperience.com>, recuperado em 22 de julho, 2020). A França conta com o Museu do Desembarque Utah Beach, para celebrar o desembarque das tropas americanas nas praias da Normandia, ato conhecido como "Dia D"; em Amsterdam é possível visitar a casa de Anne Frank; a Alemanha, assim como diversos outros países, tem um memorial do holocausto; na Polônia é possível visitar as ruínas do gueto de Varsóvia e o campo de concentração de Auschwitz, o mais marcante da história do holocausto, e que preserva pertences de suas vítimas.

Dentre os grandes exemplos de destinos turísticos de guerra, se encontram Hiroshima e Nagasaki, que foram marcadas globalmente como símbolo da capacidade humana tecnológica moderna ou seu poder nuclear, já que ao final da segunda guerra mundial as duas cidades japonesas foram atingidas por bombas atômicas. Os residentes de Hiroshima se recusam a esquecer a bomba que lhes atingiu na década de 40, investindo em diversos memoriais para lembrar e honrar as vítimas da explosão, enquanto Nagasaki tem um sentimento de perdão aos que lhe atingiram (Yoshida, Bui & Lee, 2016). Ambas as cidades

conseguiram prosperar com o passar do tempo, e se estabelecem como destinos turísticos obscuros de guerra com o objetivo de educar, através da demonstração da crueldade humana, sobre a paz. “Tendo se transformado de cidades devastadas pela guerra, em prósperos centros urbanos e destinos turísticos obscuros, Hiroshima e Nagasaki oferecem casos interessantes para demonstrar como os conflitos entre guerra e paz, turismo e educação foram reconciliados²” (Yoshida, et al., 2016, p. 1, Tradução nossa).

A última categoria são campos obscuros de genocídio, onde ocorreram atrocidades e catástrofes. Esses atrativos carregam grande carga emocional, e seu exemplo mais conhecido são os campos de concentração onde judeus, homossexuais, e outros grupos mal vistos pelo regime nazista eram mantidos presos e executados durante o holocausto. Auschwitz foi um desses campos, e desde 1947 funciona como um museu, podendo nele ser encontrados pertences e nomes das vítimas, além de diversos itens da época em que funcionava como campo de concentração e exterminação nazista (<http://auschwitz.org/en/>, recuperado em 06 de julho, 2020). Esses campos contam a história obscura da humanidade e seu sofrimento, e mostram símbolos universais de maldade e crueldade.

Tarlow (2005) questiona se ao conservar lugares onde ocorreram tragédias, para fins turísticos, não se está criando um mundo artificial, pois a maioria dos visitantes de destinos obscuros não gostariam de vivenciar os horrores de uma guerra ou o palco de um tsunami, mas procuram simular essas experiências quando visitam tais lugares. O autor justifica seu pensamento introduzindo o conceito de espiritualidade, onde os destinos obscuros que não oferecem esse fator, tornam-se banais. Podoshen (2013) segue o mesmo raciocínio, colocando que sem uma interpretação correta da memória e do significado de um destino, a experiência do turista será amplamente diminuída pela falta de sentido que o mesmo encontra no lugar.

Como já dito anteriormente, o turismo obscuro é muito amplo e denso, por essa razão, o mesmo se divide em outros segmentos tais como o turismo de guerra, turismo cemiterial e turismo de desastres. Este último é o foco principal da presente pesquisa e, portanto, será abordado com mais detalhes no tópico seguinte.

² Having transformed from war-torn cities into prosperous urban centers and dark tourism destinations, Hiroshima and Nagasaki offer interesting cases to demonstrate how conflicts of war and peace, tourism and education have been reconciled (Yoshida, et al., 2016, p. 1).

2.2 Turismo de desastre

Quando se fala de turismo e meio ambiente pensa-se logo nos efeitos que a atividade turística pode ter sobre o mesmo, seja do ponto de vista positivo, como quando uma área verde é mantida protegida para receber visitantes, pois em muitos casos a atividade turística depende de áreas naturais preservadas, o que pode gerar mais lucros do que a destruição das mesmas, ou também do ponto de vista negativo, como por exemplo o despejo de esgotos de hotéis no mar e rios, exploração de animais e deterioração do ambiente pelo número excessivo de turistas (falta de estudos de capacidade de carga).

Um dos principais acusados de deteriorar o meio ambiente em nome do turismo são os turistas de massa, que aumentaram significativamente na segunda metade do século XX. Dias (2005) afirma que os estudos dos impactos do turismo sobre o meio natural foram acentuados na segunda metade da década de 70, em decorrência do crescimento do turismo de massa e dos problemas expandidos pela atividade turística, os quais despertaram um alerta mundial, de que o crescimento da atividade poderia ser insustentável do ponto de vista ambiental.

Além da forma como o turismo pode afetar o meio ambiente, também se fala muito de como tragédias ambientais podem afetar o turismo. Muitas pessoas são cautelosas em visitar lugares onde catástrofes ambientais acontecem com frequência, como áreas com vulcões, lugares com constantes deslizamentos de terra, enchentes, raios, chuva de granizo, tempestades de areia, entre outras. Além disso, o uso indevido de recursos naturais também pode gerar consequências ambientais catastróficas, tais como o rompimento das barragens de rejeitos de minérios em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), e a explosão do reator nuclear de Chernobyl (1986). Porém, a relação entre turismo e desastres ambientais pode ter um contexto bem distinto da proteção ou agressões ao meio ambiente. Esses lugares atraem a atenção de visitantes e podem se tornar destinos turísticos.

Biran et al. (2014) complementam que enquanto alguns atrativos naturais e culturais podem desaparecer com o tempo, outros que não eram visitados podem se tornar populares após algum desastre. O foco de pesquisas em reestabelecer destinos à sua forma pré-desastre ignora outros fatores que alteram a dinâmica do lugar como destino turístico, como o interesse em lugares de desastre ou o desejo de celebrar a vida das vítimas.

O número de desastres no mundo tem aumentado, e conseqüentemente, o número de turistas que se interessam em visitar esses lugares também aumentou (Alikhani, 2019). Fritz (1961) definiu desastres como um evento em que a sociedade passa por danos severos,

incorrendo em perdas para seus membros e estruturas físicas, e que a estrutura social é corrompida, e o cumprimento de algumas ou todas as funções essenciais dessa sociedade são impedidas. Autores como Kang, et al. (2012) apontam desastres naturais causados tanto pela natureza como pela ação humana como atrações turísticas, dando a esse tipo de atrativo o nome de turismo de desastre, um dos diversos segmentos do turismo obscuro. Sendo assim, o turismo de desastre se refere a atividade turística, destinos e atrativos que sejam conectados a eventos traumáticos (Gotham, 2017)

Quando se trata de desastres ambientais, espera-se que o cenário de destruição não permaneça por muito tempo, isto porque o destino ou atração de desastre só ocorre enquanto as evidências do mesmo estão aparentes. Após a reconstrução e revitalização do lugar, o mesmo deixa de se encaixar no subsegmento, e evolui para um destino/atrativo *dark* (Sharpley & Wright, 2018) Esse fato leva turistas que almejam visitar tais lugares a fazê-lo logo após o ocorrido, num momento em que os residentes ainda estão em estado de recuperação e sentindo profundamente a dor da tragédia sofrida. Um lugar específico para o turismo de desastres naturais é a maior dificuldade em encontrar os limites desse segmento, levantando o questionamento de se tal subsegmento trata de obter e compartilhar conhecimento, ou é uma tentativa antiética de entretenimento e informações fáceis de vender.

E se tratando de desastres naturais, verifica-se uma dicotomia. Os riscos atraem o interesse humano devido à preocupação com a saúde e propriedades. É um elemento do ambiente natural frequentemente evitado pelos visitantes, e sua ocorrência causa destruição, perda e mortes. Apesar de tudo isso, em outra perspectiva, esses fenômenos perigosos atraem interesse por razões econômicas (fertilidade do solo vulcânico formado em tufos por exemplo), científicas e às vezes emocionais (Rucińska & Lechowicz, 2014).

Akermann (2012) questiona a ética da prática do turismo de desastre ao exemplificar turistas que visitaram Nova Orleans logo após o furacão Katrina em 2005, e fotografaram sobreviventes limpando escombros na cidade sem parar para ajudá-los. O grau de aceitação dos residentes quanto à presença de turistas no lugar depende da cultura local e da natureza da tragédia (Wright, 2018).

Visitar o cenário de desastres naturais traz consigo o perigo de ser interpretado como *schadenfreude* (diversão maliciosa), o que pode influenciar a decisão de alguns turistas de visitar qualquer local de turismo obscuro. O momento de uma visita também pode contribuir para a probabilidade de ser considerada assim, com visitas do tipo ônibus de turismo a áreas imediatamente após o desastre ou durante as fases de recuperação

preliminares que quase certamente serão percebidas negativamente pela maioria dos observadores (Ackermann, 2012, p. 45, tradução nossa³).

Ainda sobre o questionamento ético da prática do turismo de desastres, Alikhani (2019) cita o exemplo do Irã, onde o posicionamento dos residentes a respeito da atividade turística pós-desastre é ignorado pelas autoridades, que priorizam os benefícios econômicos da mesma, e negligenciam os impactos negativos que esse tipo de turismo pode ter sobre a comunidade. Esse tipo de atitude gera certo grau de "turismofobia", onde os residentes têm aversão à imagem do turista. Isso se deve pela visita precoce de turistas, enquanto os indícios físicos do desastre ainda permeiam no lugar, porém também é nesse momento que os efeitos psicológicos e emocionais do mesmo se fazem presente de forma mais ativa, ainda que os residentes (sobreviventes) carreguem a dor da fatalidade consigo por muitos anos (Alikhani, 2019). Fratucci (2008) definiu essa prática de apenas passar, observar a paisagem exterior passivamente e ir embora como "turismo sem território". É o caso da maioria dos pacotes turísticos massificados, que contém mínimo ou nenhum contato com a população local. Atitude que em casos normais já gera antagonismo por parte dos autóctones, e em situações envolvendo desastres causa total hostilidade para com os turistas.

Alikhani (2019) reforça a ideia de que as motivações que levam o turista a visitar um lugar de desastre influenciam diretamente em como ele será recebido pela comunidade residente, pois visitar um lugar apenas para observar a dor e tragédia alheia obviamente gerará comportamentos hostis por parte da mesma. Ackermann (2012) afirma que os visitantes com motivações altruístas devem tentar entender os sentimentos locais, consumir de forma benéfica aos residentes e se possível, ajudar em projetos para o destino.

O turismo tem uma gama diversificada de impactos em seus recursos (Uchiyama & Kohsaka, 2016) e atrativos, sendo os recursos do turismo de desastre, os desastres naturais. O turismo é capaz de ressignificá-los, podendo atrair visitantes de modo a movimentar a economia local para fins de recuperação de infraestrutura e demais bens físicos que foram destruídos, já que a falta de turistas num lugar pós-desastre pode estender os malefícios do mesmo, deteriorando a economia e a situação social dos habitantes (Rucińska e Lechowicz (2014). No entanto, esse olhar positivo sobre o turista de desastre não deve se estender ao comportamento antiético e imprudente de turistas emocionalmente imaturos. Alikhani (2019)

³ Visiting the scene of natural disasters carries with it the danger of being interpreted as *schadenfreude*, which may even play a part in some tourists' decision to visit any dark tourism site. The timing of a visit can also contribute to the likelihood of its being considered so, with tour bus-style visits to areas immediately post-disaster or during preliminary recovery phases almost certain to be perceived negatively by a majority of observers (Ackermann, 2012, p. 45).

reforça o lado positivo do turismo em lugares de desastres por sua capacidade de manter a memória do lugar viva, e evitar que a mesma seja esquecida.

Por outro lado (Rucińska e Lechowicz (2014) também afirmam que a presença de turista logo após o desastre, ainda num período de recuperação e provável busca por desaparecidos, pode afetar significativamente na intensificação do caos no destino, enquanto que sua presença algum tempo após a catástrofe pode ser benéfica do ponto de vista econômico, de modo que o lucro gerado pela atividade turística pode ajudar a reconquistar o estado original do lugar.

Quanto ao tempo de recuperação de um lugar e destino após um desastre, questões de tempo e infraestrutura podem ser tratadas na maioria dos casos, mas quando se considera situações envolvendo desastres nucleares pode ser mais complicado devido ao senso geral de cautela em relação à radiação que perdura no lugar. Grande parte dessa sensação de cautela pode ser atribuída ao acidente de 1986 de Chernobyl, em Prypiat na Ucrânia (então União Soviética) e suas consequências (Ackermann, 2012). Por conta do longo período em que Chernobyl se mantém (e continuará se mantendo) como imprópria para residir, o lugar se tornou perfeito para as visitas temporárias de turistas de desastres.

De fato, turistas e residentes são vistos como peças de tabuleiro, que apenas compõem o cenário e aceitam decisões tomadas por camadas superiores, no entanto, esses dois grupos têm valor imensurável quando se trata da produção de valor e significado do lugar (Gotham, 2017).

Outra característica fundamental do turismo de desastre é que esses destinos não oferecem infraestrutura turística, tours organizados ou guias cadastrados (Sharpley & Wright, 2018). Seria inclusive muito insensível e ignorante requisitar que tais lugares, em situações problemáticas, se preocupassem com o bem estar do turista, os quais, como já dito, são os que procuram experiências únicas e diferentes das requisitadas pelas grandes massas, não se importando com a falta de atmosfera turística no lugar.

O turista de desastres só pode testemunhar o "atrativo" enquanto as consequências da tragédia se mantêm evidentes (Sharpley & Wright, 2018). Após isso, é possível que sejam construídos memoriais, encenações, museus, entre outros, para lembrar o acontecido, e nesse caso, o atrativo evolui para um destino turístico obscuro, não se encaixando mais no subsegmento de desastres (Alikhani, 2019). O autor reforça a ideia de Sharpley e Wright (2018), de que a falta de infraestrutura para receber turistas, e sua desorganização trazem um elemento de fascínio, e geralmente transformam a comunidade local em foco de curiosidade.

No entanto, os autores complementam que, com o tempo, os turistas estão tentando ter maior entendimento das implicações dos desastres, principalmente à medida que mais informações e interpretações do mesmo forem disponibilizadas para eles.

O turismo ativo possui inúmeros exemplos de atividades que beiram a segurança humana (passeios em cânions, mergulho, windsurf, kitesurf, espeleologia, escalada, sobrevivência). A diversidade, especificidades e originalidade das regiões turísticas, bem como a singularidade do fenômeno, pode atrair turistas para áreas consideradas perigosas. Emoções e experiências individuais compensam de certa forma o risco de viagens a essas áreas (Rucińska & Lechowicz, 2014).

A autenticidade presente na maioria dos destinos e atrativos *dark*, cria valor nas experiências turísticas e melhora o consumo expressivo de bens turísticos, como artes e cultura (Prebensen, Chen & Uysal, 2018). Dessa forma o turista que procura destinos obscuros e de desastre se encaixa no perfil aloccêntrico do modelo de Plog (1974, como citado em Fratucci, 2008). Esse tipo de turista, segundo o modelo, visa conhecer lugares e paisagens pouco conhecidos, excepcionais e únicos, onde possa ter contato com o ambiente natural e cultural. Geralmente são abertos para trocar experiências e gostam de ter contato com os residentes. É o contrário do turista psicocêntrico, que não gosta de correr riscos, procura lugares populares e conhecidos e não procura ter contato com os residentes, de fato alguns não saem do hotel ou resort em que estão hospedados.

Apesar da maioria dos desastres ocorrerem de forma inesperada, alguns são previsíveis e seguidos por turistas como se fossem uma banda de rock, como a temporada de tornados nos Estados Unidos entre maio e junho, dependendo da região (Rucińska & Lechowicz, 2014). Esses turistas não procuram apenas presenciar os efeitos posteriores ao desastre, mas vivenciar o mesmo. A singularidade temporal e a difícil acessibilidade exigem grande mobilidade e motivação para visitar tais lugares (Rucińska & Lechowicz, 2014).

Apesar do turismo de desastre dificilmente se tornar destino do turismo de massa, Rucińska e Lechowicz (2014) conferiram em seu estudo dados interessantes acerca do número de visitantes num destino após um desastre, como demonstrado na tabela 1.

Tabela 1

Desastres ambientais e número de turistas em países selecionados

	Desastre	País/cidade	Número de turistas no ano			
1	Tsunami 2004	Tailândia	2003 10.082.000	2004 11.737.000	2005 11.567.000	2006 13.822.000
2	Tsunami 2011	Japão	2008 8.351.000	2010 8.611.000	2011 6.219.000	2012 8.368.100
3	Terremoto 1995	Japão/Kobe	1994 3.468.005	1995 3.345.274	1996 3.837.113	1997 4.218.208
4	Terremoto 2010	Haiti	2008 258.000	2009 387.000	2010 255.000	2011 349.000
5	Furacão Katrina 2005	Estados Unidos	2003 41.218.000	2004 46.086.000	2005 49.206.000	2006 50.977.000
6	Erupção vulcânica 2010	Islândia	2008 502.300	2009 493.940	2010 488.622	2011 565.611

Fonte: World Bank, UNWTO/MKT, Japan Tourism Marketing Co., Icelandic Tourist Board como citado em Rucińska & Lechowicz (2014).

Os dados obtidos por (Rucińska & Lechowicz, 2014) demonstrados na tabela 1 mostram que em todos os países nela apresentados, houve um aumento no número de turistas no ano posterior ao desastre ambiental, mesmo que não haja comprovação de que tal aumento seja devido ao desastre. Nos casos do Katrina nos Estados Unidos e do tsunami da Tailândia, o número de visitantes aumentou durante o ano do desastre ocorrido, podendo esse número ser majoritariamente composto por *turistas de desastre*. Outro fato importante destacado na tabela é o aumento de turistas em países cuja economia depende pouco do turismo, mas que tiveram mais visitantes após o desastre, como é o caso da Islândia e do Haiti, que obtiveram um aumento de cerca de 100 mil turistas por ano. Esse aumento se deve em parte pelo interesse no lugar gerado pela mídia, a qual divulga eventos como desastres incessantemente ainda durante a fase de fragilidade local.

A temática dos desastres ambientais como atrativos turísticos é paradoxal. Muitos a veem como um incômodo, desrespeitosa e antiética, enquanto outros a enxergam como uma chance de homenagear as vítimas, e uma oportunidade econômica, já que na lógica capitalista o consumo e o lucro são prioridade e se sobrepõem frequentemente a questões delicadas. Desta maneira, o interesse turístico num lugar diminui logo após um desastre (Rucińska, 2016), provavelmente pela evasão de turistas de massa e demais viajantes que preferem um turismo mais "seguro". Porém, o autor destaca destinos que atraem um novo público interessado em áreas de destruição, tais como o estado de Luisiana - EUA - atingido pelo furacão Katrina em 2005, e a Tailândia, atingida por um tsunami em 2004. A seguir são apresentados outros exemplos de destinos e atrativos que se tornaram populares após desastres.

O primeiro caso aqui explicitado é o de Nova Orleans, cidade americana atingida pelo furacão Katrina em 2005. Na época do desastre o setor turístico do lugar ficou seriamente prejudicado, com a perda de cerca de 22.000 empregos na área, e mais de \$2 bilhões de prejuízo em relação a gastos de turistas em comparação ao período anterior ao furacão. Ainda assim, por aproximadamente sete anos a devastação do Katrina foi usada como atrativo turístico em tours pela cidade. Apenas após grandes reclamações dos residentes o fato foi revertido, de modo que atualmente o tema do furacão é mencionado como um obstáculo superado na história de Nova Orleans, que se considera "recuperada" (Gotham, 2017). No período pós-desastre, várias comunidades se posicionaram contra grupos de turistas visitando as áreas destruídas, fazendo inclusive cartazes dirigidos aos turistas, falando-lhes para ter vergonha de sua atitude.

O segundo caso exemplar é o de Chernobyl, que se transformou em um nome familiar para a população do mundo. É o nome da usina onde ocorreu o maior acidente nuclear da história, em 26 de abril de 1986, e que forçou a cidade de Pripyat (construída em 1970 para abrigar os trabalhadores da usina) a evacuarem a cidade por conta da forte radiação que prevalece desde então no lugar. A estimativa é de que 30 a 60 mil pessoas morreram posteriormente de câncer em decorrência da radiação (Fairlie et al., 2006 como citado em Goatcher & Brunnsden, 2011)

Um teste de rotina saiu do controle e o reator explodiu, explodindo o telhado de concreto de 2.000 toneladas, virando-o de lado como uma moeda. Um coquetel de material radioativo do núcleo exposto foi lançado ao ar, para se espalhar por todo o hemisfério norte por ventos e correntes de ar. O fogo na câmara do reator foi extinto rapidamente pelos bombeiros locais, mas por mais 8 dias a reação nuclear invisível e descontrolada continuou, empurrando 200 vezes mais material radioativo do que as bombas de Nagasaki e Hiroshima combinadas (Goatcher & Brunnsden, 2011, p. 116, tradução nossa⁴)

A área é praticamente livre de humanos, o que propiciou a animais e plantas "reocuparem" o lugar, estabelecendo uma nova e diferente ordem natural (Goatcher & Brunnsden, 2011). Mais de 30 anos após o acidente, Chernobyl se tornou um destino turístico.

A imagem é um componente de extrema importância num destino turístico, seja ele obscuro ou não. Em muitos casos essa imagem é criada pela mídia, mas a mesma também

⁴ A fairly routine test got out of control and the reactor exploded, blowing the 2000 tonne concrete roof off, flipping it on its side like a coin. A cocktail of radioactive material from the exposed core was thrown high into the air, to be spread all around the northern hemisphere by winds and air currents. The fire in the reactor chamber was extinguished quite quickly by the local fire-fighters, but for another 8 days the invisible, uncontrolled nuclear reaction continued, pushing 200 times more radioactive material than the Nagasaki and Hiroshima bombs combined (Goatcher & Brunnsden, 2011, p. 116)

pode ser gerada pelos próprios visitantes. Goatcher & Brunsten em 2011 já discutiam a questão das fotografias tiradas por turistas em destinos obscuros. Em sua obra sobre Chernobyl eles discutiam a falta de sentido aparente nas fotografias, que basicamente mostravam turistas andando ou parados em áreas abandonadas (como uma sala de aula). Essa discussão das imagens de turistas neste tipo de destino se mantém bastante atual, preocupante e inquietante. *Selfies* de turistas sorrindo no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, demonstraram o profundo desrespeito à história do lugar e às pessoas que ali morreram, como já visto anteriormente, é exatamente esse tipo de ignorância e insensibilidade à situação alheia que causa estranhamento ao turismo de desastre e obscuro.

O próximo exemplo de turismo de desastre não é um caso em particular, mas um setor turístico. O turismo vulcânico se relaciona com diversos segmentos do turismo, tais como geoturismo, turismo de saúde (por suas fontes termais), ecoturismo, entre outros. Apresentados em filmes e livros como um "vilão", os vulcões são alvo de fascínio de viajantes por seu poder e beleza de erupções (se vistas a distância). Os vulcões se mantêm no imaginário dos povos desde os tempos antigos, quando os romanos os adoravam por acreditarem que era o deus do fogo. Antigas mitologias acreditavam que eles eram passagens para o mundo inferior, e conseqüentemente eram palco de sacrifícios e oferendas (Erfurt-Cooper, Sigurdsson & Lopes, 2015). Não é à toa que esse atrativo natural é visto com tanta importância e vislumbre.

A renda obtida no turismo vulcânico é uma forma de reverter as perdas materiais causadas pelas erupções dos vulcões. Após uma erupção, as regiões afetadas no caminho necessitam de um impulso na economia para sua recuperação, e a atividade turística geralmente incorpora as devastadoras mudanças na paisagem para atrair visitantes (Erfurt-Cooper, et al., 2015). A prática de escalar vulcões demanda alguns pré-requisitos, como preparo físico, consciência do risco de erupção e saúde pulmonar, devido a estar em área de exalações vulcânicas. Esse desafio e aventura propiciados pelo turismo vulcânico fez deles atrações turísticas naturais (por exemplo, Etna, St. Helens, Stromboli, Havaí, Nevado del Ruiz, e outros) oferecidos por várias agências de viagens e escaladas (Rucińska & Lechowicz, 2014).

Em áreas protegidas, como parques nacionais, geoparques e lugares de patrimônio mundial por exemplo, o papel do turismo vulcânico é de extrema importância, pois oferece conhecimento acerca da herança geológica dos mesmos (Erfurt-Cooper, et al., 2015). O vulcão Anak Krakatau por exemplo, se mantém ativo, e atrai diversos turistas, dependendo de sua atividade. Damavand é considerado pela UNESCO como lugar de herança natural. Em

países Asiáticos como Indonésia e Filipinas, os vulcões são um dos principais atrativos turísticos, enquanto que no continente africano, os vulcões são incluídos em parques nacionais e demais áreas protegidas.

Diante do exposto, o que influencia na vontade em visitar destinos de desastres? Considerações sobre os fatores que afetam a intenção de visitar lugares de turismo de desastre são apresentadas a seguir:

2.3 Fatores que afetam a intenção de visitar lugares de desastres ambientais

A experiência em destinos pós-desastre se encaixa em duas categorias, a emocional e a cognitiva (Yan, et al. 2016). Amatuzzi (2007) reforça essa ideia ao dizer que a construção dos significados da experiência é influenciada por estruturas cognitivas objetivas, pela história individual (questões afetivas do indivíduo turista) e por questões culturais de cada lugar. Ou seja, a experiência criada durante uma viagem depende de uma série de fatores que a enriquecem. O interesse por meios cognitivos e o fascínio despertado por emoções, anexados à autenticidade de quesitos culturais, são capazes de transformar lugares com histórias sombrias, exóticas e esquisitas em destinos turísticos famosos. Tung e Ritchie (2011) definiram a experiência turística como a subjetividade, a avaliação e experimentos de um indivíduo perante eventos relacionados às suas atividades turísticas, as quais começam durante o planejamento da viagem e se estendem até as lembranças dela.

Diferentes atitudes dos consumidores em relação a fatores cognitivos podem afetar a dimensão afetiva, de modo que a maneira como o turista vê a história (fator cognitivo) de um destino, por exemplo, influencia sua curiosidade (fator afetivo) a respeito do mesmo e até mesmo suas emoções ao visitar tal lugar (Rivera, Fa & Villar, 2019).

Desta maneira, entende-se que fatores e experiências cognitivas e afetivas podem afetar diretamente a motivação de turistas para visitarem destinos de desastres. Esta tese foi objeto de estudo de Zhang, Yang, Zheng & Zhang (2016) na qual estudaram a influência de fatores cognitivos e afetivos, além das restrições pessoais na motivação para visitar um destino *dark* específico, o memorial às vítimas do massacre de Nanquim – China:

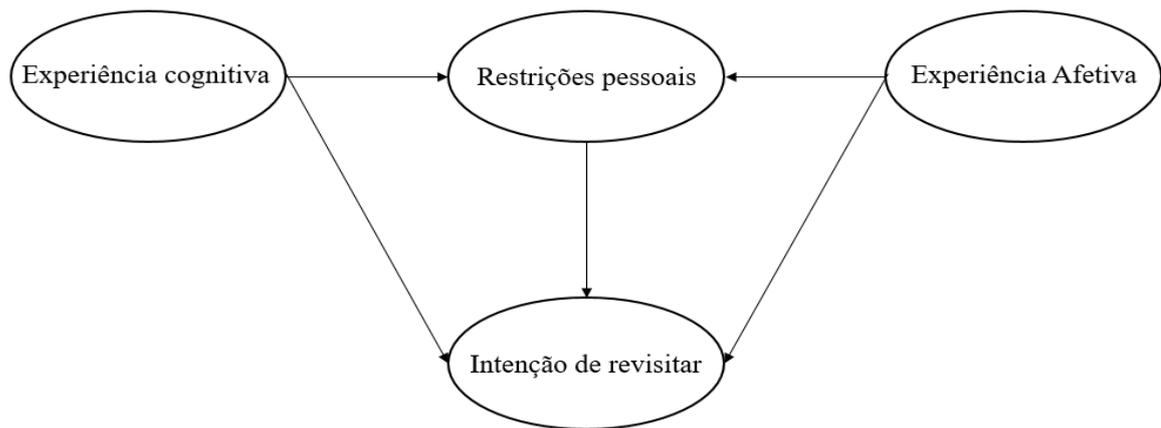


Figura 3. **Modelo conceitual de fatores que influenciam a intenção de revisitar um destino dark**

Fonte: Zhang, et al. (2016)

Os resultados do estudo demonstraram que a experiência cognitiva, e apenas uma restrição pessoal (a falta de curiosidade) influenciam na intenção de revisita, já que os coeficientes de trilhas da dimensão afetiva e das demais restrições (escapatória, emoção e cultura) obtiveram valor do nível de significância maiores do que 0,05, não sendo significativas ao nível estatístico, e rejeitando a hipótese de que a experiência afetiva influencia na intenção de revisitar o memorial às vítimas do massacre de Nanquim – China.

A partir do estudo de Zhang, et al. (2016) e demais literatura ponderada acerca do turismo de desastre, decidiu-se analisar a intenção de visita a destinos de desastre por meio de fatores cognitivos e afetivos positivos e negativos, os quais serão expostos no próximo tópico.

2.3.1 Fatores cognitivos

Kim e Perdue (2013) definem atributos cognitivos como qualidades físicas ou não-físicas que atendem necessidades utilitárias e fornecem benefícios ou valores funcionais para um indivíduo, atingindo objetivos funcionais através do pensamento racional e de práticas voltadas a atender necessidades do consumidor, neste caso, do turista (Rivera, Fa & Villar, 2019). Em termos de motivação turística e *dark tourism*, a história e a educação são fatores teoricamente próximos, de forma que a motivação pela história do lugar é frequentemente ligada ao desejo de aprender mais sobre a mesma (Poria, 2004).

O segmento *dark* traz consigo elementos omitidos, trágicos ou essenciais da história da humanidade (Tarlow, 2005), sejam eles verídicos, ou retirados de obras literárias ou lendas urbanas. Essa história é um grande motivador em atrair pessoas para tais lugares, como

comprovado por Best (2007) em seu estudo a respeito das emoções dos turistas enquanto visitam atrações *dark* na Ilha Norfolk, no qual comprovou que os visitantes pretendiam aprender sobre a história deste lugar, fosse por meio de museus e memoriais, ou por *tours* guiados ou sozinhos, sendo essa última forma de conhecer o lugar, a mais usual no turismo de desastres. Esse interesse na história de destinos *dark* também foi apontado por Amaral (2016), o qual disse que a curiosidade por tal fator é um motivador para visitar antigos presídios.

Poria (2004) acrescenta que a motivação pela história pode ser por razões recreacionais ou para aprender mais sobre o lugar de interesse, comprovando a ligação entre esse fator e a educação.

A importância dos aspectos educacionais presentes no *dark tourism* já foram descritas em diversos estudos (Kang, et al. 2012; Pratt, Tolkach & Kirillova, 2019; Yoshida, Bui & Lee, 2016). Essa busca por conhecimento dentro do turismo de desastre se evidencia no contato do turista com a situação e efeitos de desastres naturais, dando-lhe a oportunidade de aprender sobre a natureza do fenômeno e vivenciar experiências distintas, além de saber mais sobre o fenômeno ocorrido, sua dimensão, extensão, intensidade e efeitos naturais e sociais (Rucińska & Lechowicz, 2014).

A história humana é repleta de batalhas e guerras sangrentas e repletas de vítimas. O turismo obscuro, através do propósito educacional, auxilia na reflexão dos atos cometidos durante esses conflitos e suas consequências. O propósito educacional também foi identificado na obra de Yan, et al. (2016), sendo o fator mais efetivo na motivação de turistas em visitar destinos *dark*, seguido pela curiosidade e lazer. “A viagem permite uma vida melhor, pois ela cura, combate o Stress cotidiano e oferece a possibilidade de se vivenciar experiências únicas, além de educar o viajante/turista e modificar sua percepção da vida. A viagem proporciona o conhecimento” (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p.157).

De acordo com a base teórica e modelo base, para este estudo, foram formuladas as seguintes hipóteses quanto aos fatores cognitivos:

Hipótese 1: Os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo educacional em visitar os mesmos.

Hipótese 2: Os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo histórico em visitar os mesmos.

2.3.2 Fatores afetivos positivos

Já os fatores afetivos são definidos como emoções e sentimentos desencadeadas por recursos do próprio lugar destino, podendo ser recursos reais, percebidos ou imaginados (Kim & Perdue, 2013), sendo esses fatores relevantes no processo decisório durante o planejamento de viagens (Phillips, Olson & Baumgartner, 1995). Kim e Perdue (2013) ressaltam particularmente a importância de emoções positivas nesse processo, o qual é diretamente relacionado à motivação, porém a experiência afetiva negativa, como algo relacionado ao medo, também influencia nesse processo de decisão de forma inversa, isto é, na exclusão de destinos, serviços e/ou produtos que despertem tal emoção. De acordo com Rucińska (2016), visitar lugares onde ocorreram desastres ambientais é uma forma única de turismo que tem por objetivo sentir emoções, riscos e a dinâmica do evento, como furacões e inundações

Um desses fatores afetivos é a mídia, a qual tem papel fundamental no aumento do número de destinos e atrativos *dark* (Seaton, 1996). Com o avanço das tecnologias e a globalização, a divulgação e comercialização de destinos *dark* e de desastres se tornou mais rápida e abrangente, alcançando os mais diversos públicos. Além das mídias tradicionais, como jornais, televisão⁵ e rádio, a internet se tornou um ambiente propício para qualquer um expor opiniões e informações (nem sempre úteis ou verdadeiras) para as mais diversas pessoas. Blogueiros e youtubers são exemplos disso. Sharpley e Wright (2018, p. 340) ressaltam a importância inicial da mídia na tomada de decisão inicial do turista:

Dadas essas características do turismo de desastres, pode-se argumentar que as pessoas que desejam viajar e observar lugares de desastres são particularmente abertas ou suscetíveis às mensagens veiculadas pela mídia sobre um desastre. Ou seja, normalmente visitando o local nos primeiros dias após o evento e sem nenhuma orientação ou interpretação formal disponível, os turistas não apenas dependem da mídia como sua fonte primária de informação, mas também podem, devido aos seus motivos potencialmente mórbidos para visitar, responder positivamente às histórias da mídia em vez de tentar entender a realidade do desastre por si mesmos (Sharpley & Wright, 2018, p. 340, tradução nossa⁶)

⁵ Chernobyl é uma minissérie que retrata o acidente nuclear da usina de mesmo nome. A mesma foi lançada em 2019, 33 anos após o ocorrido, e impulsionou o turismo na zona de exclusão da usina, aumentando o número de visitantes (<https://super.abril.com.br/sociedade/serie-de-tv-sobre-chernobyl-ja-impacta-o-numero-de-turistas-na-regiao>, retirado em 08 de junho, 2020). A minissérie foi criada por Craig Mazin e pertence à emissora HBO.

⁶ Given these characteristics of disaster tourism, it may be argued that people wishing to travel to and gaze upon disaster sites are particularly open or susceptible to the messages conveyed in the media about a disaster. That is, typically visiting the site in the early days after the event and with no formal guidance or interpretation available, tourists are not only likely to depend on the media as their primary source of information but may also, given their potentially morbid motives for visiting, respond positively to the stories in the media rather than attempting to grasp the reality of the disaster for themselves.

Olicshevis (2006) justifica a mídia como fator afetivo no contexto da discussão pública, onde a propaganda é capaz de moldar opiniões e julgamentos através de sentimentos.

A informação cedida pela mídia pode despertar curiosidade sobre o lugar e seus acontecimentos, mostrando o cenário como único e conseqüentemente dando a seus visitantes uma experiência autêntica sem equivalente, mesmo em outros destinos de desastres. A curiosidade é um fator emotivo-motivacional positivo que encoraja um indivíduo a explorar atividades não-familiares e desafiadoras (Kashdan & Roberts, 2006). Castro e Rodrigues (2009; Stone, 2006) dizem que a dor, morte e desastres despertam a curiosidade do público já a muito tempo, sendo essa “curiosidade mórbida” mais uma motivação para visitar destinos *dark*, assim como a autenticidade e unicidade oferecidas nesses destinos (Best, 2007). Essa importância da curiosidade/aventura na decisão de visitar destinos *dark* já foi confirmada em estudos anteriores como o de Kang, et al. (2012).

Kang, et al. (2012) questionam até que ponto a divulgação de lugar de desastre é aceitável, quem o deveria divulgar, seu grau de confiabilidade e de que modo essa divulgação deveria ser feita, de modo a não comprometer a mensagem que o lugar carrega. Já que uma divulgação mal planejada pode atingir o público errado, e no caso de destinos obscuros, que comportam valor histórico e sentimental elevado, pode resultar em desrespeito à memória do lugar. No mundo globalizado, onde as pessoas se mantêm conectadas às redes 24 horas por dia, alguns tipos de eventos são priorizados pela mídia. Em geral esses eventos são os que incluem morte e sofrimento em larga escala, como grandes desastres, que por não serem tão comuns, tem grande impacto (Sharpley & Wright, 2018). O choque que certas mortes podem causar, são capazes de gerar grande comoção, quebrando a rotina da mídia e gerando uma sensação de descontinuidade do tempo, como se o mesmo parasse para se acompanhar o cenário da tragédia (Rondelli & Herschmann, 2000).

Ao visitar destinos *dark* os turistas também experimentam o sentimento de reflexão (Best, 2007; Amaral, 2016), ponderando a respeito das perdas ambientais e sociais. Em casos de desastres naturais há uma reavaliação de vida por parte dos sobreviventes, e conseqüentemente pelos visitantes também. Isso decorre provavelmente devido à uma autoconsciência de superar uma tragédia ou sofrer um trauma formada após o mesmo (Pratt, Tolkach & Kirillova, 2019). Essa reflexão perante destinos *dark*, bem como a aprendizagem pessoal como razão para visitar tais lugares também foi explanada no estudo de Kang, et al. (2012). Dessa forma, formularam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 3: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de aventura em visitar os mesmos.

Hipótese 4: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de reflexão em visitar os mesmos.

Hipótese 5: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente pelo interesse criado pela mídia em visitar os mesmos.

2.3.3 Fatores afetivos negativos

Lugares onde ocorreram desastres ambientais são portadores espaciais de emoções (Yan, et al. 2016). A ligação entre esses destinos e as fatalidades causadas pelos desastres que os geram causam a associação negativa do termo turismo de desastre. Em sua pesquisa, (Zhang, et al.,2016) demonstrou que a experiência afetiva negativa é mais relevante na escolha de um destino do que as positivas, por exemplo, da mesma forma como a curiosidade pode motivar alguém a viajar para lugares onde ocorreram desastres ambientais, o contrário também é possível, isto é, a falta de curiosidade e interesse em tais lugares pode ser a causadora da falta de motivação em visitar os mesmos.

Nesse caso, além da óbvia falta de curiosidade, as restrições pessoais também fazem parte da motivação, ou falta da mesma, em conhecer determinados lugares. Epstein (1998) conferiu que uma em cada quatro pessoas acredita em fantasmas, um tipo de superstição que possivelmente influenciaria a escolha de uma pessoa em visitar um lugar onde ocorreram numerosas mortes. O autor ressalta ainda que essas formas não racionais de pensamento como superstições são comuns, interferindo na tomada de decisão juntamente com outras crenças, preconceitos e tabus do indivíduo. Em seu estudo, Zhang et al. (2016) indicam que restrições pessoais podem ser intrapessoais, interpessoais e relacionadas, ou estruturais, como informações limitadas e tempo disponível para viajar, destacando que no contexto do *dark tourism*, as restrições intrapessoais se sobrepõem, pois o turista se defronta com mais questões emocionais do que estruturais e interpessoais.

Sentimentos como o medo também são frequentes nesse tipo de destino. Best comprovou em seu estudo (2007) que sentimentos negativos como medo e tristeza são comuns nos visitantes de um lugar *dark*, podendo o medo permanecer no mesmo anos após o

acontecimento que lhe encaixou em tal segmento, enquanto que a tristeza aparece quando se aprende sobre os fatos que ali ocorreram e o sofrimentos das pessoas que ali estavam. “Todos os teóricos concordam que emoções existem, que elas alteram como as pessoas percebem o ambiente, e que elas parecem motivar comportamentos (tradução nossa⁷)” (Morrison & Crane, 2007 p. 412), dessa forma Torna-se evidente que esses sentimentos estão presentes no turismo de desastres, pois os mesmos são causados pelo contato do turista com a angústia dos residentes, e esta última se faz gritante nesse subsegmento. Com base nisso, foram elaboradas as hipóteses:

Hipótese 6: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente na falta de curiosidade em visitar os mesmos.

Hipótese 7: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente em restrições pessoais para visitar os mesmos.

Hipótese 8: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente na emoção em visitar os mesmos.

Zhang et al. (2016) foram influenciados pelos estudos de Kang et al (2012) os quais estudaram experiências cognitivas e afetivas no atrativo *dark* “April 3rd Peace Park” na Coreia do Norte, e recomendaram que futuros estudos explorassem a experiência do turismo obscuro. Havendo também a influência de Best (2007), o qual descobriu que sentimentos de negação, tristeza, empatia, orgulho, fascinação, interesse e gratidão fazem parte da experiência turística afetiva, além de citar também a educação como principal experiência cognitiva. Nawijn e Fricke (2015) também foram relevantes para seu estudo, descobrindo que emoções negativas são mais determinantes no comportamento no longo prazo do que emoções positivas. Dessa forma, Zhang et al. (2016) fundamentaram as seguintes hipóteses utilizadas no presente estudo:

Hipótese 9: Os Fatores Cognitivos afetam positivamente a Intenção de Visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais.

Hipótese 10: Os Fatores Afetivos Positivos afetam positivamente a Intenção de Visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais.

⁷ All theorists agree that emotions exist, that they alter how people perceive the environment, and that they appear to motivate behavior

Hipótese 11: Os Fatores Afetivos Negativos afetam negativamente a Intenção de Visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais.

Baseando-se nos conceitos apresentados, propôs-se o estudo cujas considerações metodológicas são apresentadas a seguir:

3 METODOLOGIA

Neste capítulo do estudo são apresentados os componentes que integram a metodologia que serviu de base para a pesquisa. Desta forma, são apresentadas a tipologia da pesquisa, o universo do estudo, o modelo de pesquisa, as técnicas de coleta de dados, as técnicas de análise dos dados e as expectativas do estudo.

3.1 Tipologia da pesquisa

O trabalho se configura como hipotético-dedutivo por propor hipóteses a partir de teorias. Kerlinger (2007, p. 40) afirma que “as hipóteses são uma ferramenta poderosa para o avanço do conhecimento porque, embora formuladas pelo homem, podem ser testadas e mostradas como provavelmente corretas ou incorretas a parte dos valores e crenças do homem”.

O estudo é de natureza descritiva-exploratória, pois de acordo com Gil (2008, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Ainda segundo o mesmo autor, as pesquisas descritivas são aquelas “que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, pag. 28). As pesquisas descritivas são muito comuns em turismo por seu “caráter incipiente do ramo, a natureza mutante dos fenômenos estudados e a frequente separação entre pesquisa e ação” (Veal, 2011, p. 29).

Além disso, é utilizada a abordagem quantitativa para análise dos dados. Para Marczyk et al. (2005) ela é característica de estudos que fazem uso de análises estatísticas para obter seus resultados. Seus principais recursos incluem medições formais e sistemáticas e o uso de estatísticas.

A pesquisa também se caracteriza como *Survey*. Essa metodologia é definida por Marczyk, De Matteo e Festinger (2005) como um estudo que questiona um grande número de pessoas sobre seus comportamentos, atitudes e/ou opiniões. Nesse caso em particular, procura-se saber vontades e motivos delas.

3.2 Universo e campo de estudo

A pesquisa de campo foi realizada tanto com pessoas que têm a intenção de visitar destinos de desastre, como com as que não tem, de modo que as questões do instrumento de coleta estimulavam o respondente a imaginar, mesmo que hipoteticamente, as razões pelas quais viajaria para esses destinos. Utilizou-se amostragem não-probabilística, uma vez que não se pode definir com exatidão a população alvo do estudo. Quanto ao tamanho da amostra, Marôco (2010) afirma que quando se trata de modelagem de equações estruturais, para cada variável observável, recomenda-se o uso de, pelo menos, 10 e 15 respondentes. Esta pesquisa somou um total de 228 respondentes.

3.3 Modelo de análise

O modelo de análise proposto foi baseado em Zhang et al. (2016), como demonstrado no tópico 2.3 do referencial teórico, através da adição e subtração de fatores que melhor se adequam ao subsegmento de desastre. Dessa forma foram propostas as seguintes hipóteses e modelo teórico, configurado na figura 4:

Hipótese 1: Os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo educacional em visitar os mesmos.

Hipótese 2: Os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo histórico em visitar os mesmos.

Hipótese 3: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de aventura em visitar os mesmos.

Hipótese 4: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de reflexão em visitar os mesmos.

Hipótese 5: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente pelo interesse criado pela mídia em visitar os mesmos.

Hipótese 6: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente na falta de curiosidade em visitar os mesmos.

Hipótese 7: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente em restrições pessoais para visitar os mesmos.

Hipótese 8: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente na emoção em visitar os mesmos.

Hipótese 9: Os Fatores Cognitivos afetam positivamente a Intenção de Visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais.

Hipótese 10: Os Fatores Afetivos Positivos afetam positivamente a Intenção de Visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais.

Hipótese 11: Os Fatores Afetivos Negativos afetam negativamente a Intenção de Visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais.

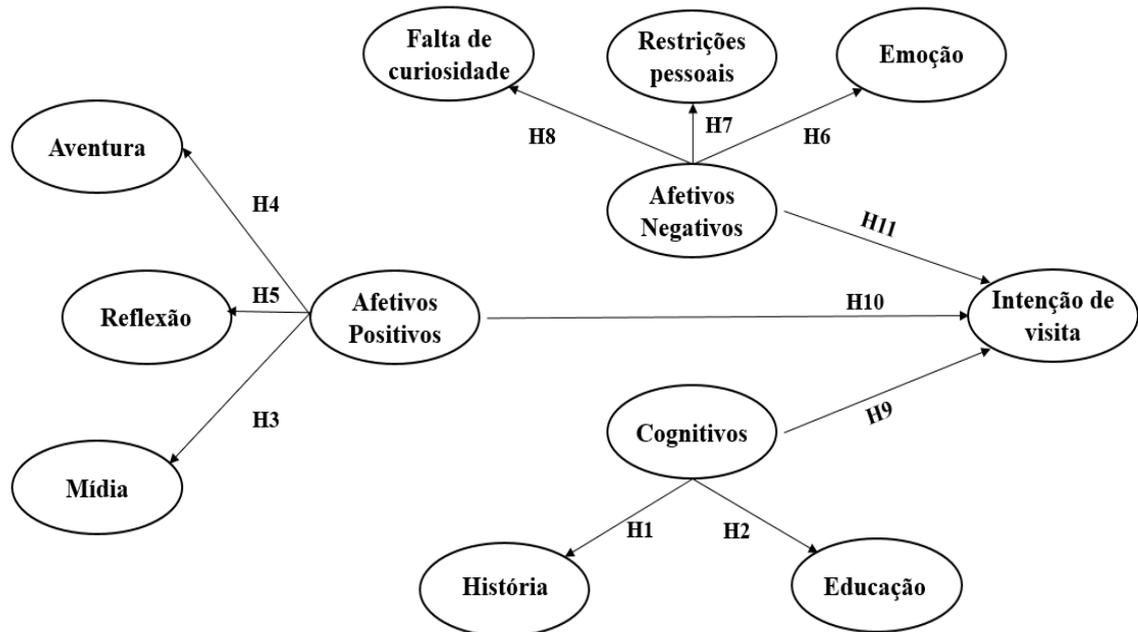


Figura 4. Modelo de pesquisa proposto – Fatores cognitivos, afetivos positivos e negativos na intenção de visita de um destino que sofreu desastres ambientais

Fonte: Adaptado de Zhang, et al. (2016)

3.4 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados foi composto por 49 questões fechadas, 43 se referindo às variáveis que incentivam o interesse em visitar destinos de desastre, e 6 referentes ao perfil sociodemográfico dos respondentes.

A página inicial do questionário apresentava um pequeno resumo acerca da temática, com o intuito de explicar aos respondentes o que é o turismo de desastre e como sua prática pode ser benéfica, a fim de desmistificar o segmento.

As indagações do questionário devem corresponder ao grau de concordância dos respondentes em relação aos fatores que os motivam, ou desmotivam a visitar destinos de desastre. Para tanto, o questionário utilizado foi formulado em escala métrica de onze pontos, baseada no modelo Likert, em que o respondente foi convidado a apresentar seu grau de concordância com uma frase proposta. A escala varia de 0 (zero) a 10 (dez) sendo 0 referente à discordância total do respondente em relação à questão proposta, e 10 referente à concordância total em relação à questão proposta, além da opção “sem opinião”. O questionário foi aplicado através da plataforma de pesquisa online *Google Forms*. O instrumento de coleta de dados é apresentado na tabela 2.

Tabela 2.

Instrumento de coleta de dados

Eu teria interesse em visitar um local onde aconteceu um desastre ambiental...		
Para conhecer seu significado histórico (HIS2)	História (Amaral, 2016; Best, 2007; Poria, 2004; Tarlow, 2005)	Fatores cognitivos
Porque algo importante no mundo aconteceu ali (HIS4)		
Por causa de sua memória (HIS5)		
Para aprender sobre a natureza do desastre ambiental (EDU1)	Educação (Figueiredo & Ruschmann, 2004; Kang, et al. 2012; Poria, 2004; Pratt, Tolkach & Kirillova, 2019; Rucińska & Lechowicz, 2014; Yan, et al. 2016; Yoshida, Bui & Lee, 2016).	
Para aprender com possíveis erros do passado (EDU3)		
Para aprender sobre a natureza/meio ambiente do lugar (EDU4)		
Porque vi filmes ou séries sobre desastres ambientais (MID1)	Influência da mídia	Fatores afetivos

Porque vi reportagens sobre desastres ambientais (MID2)	(Seaton, 1996; Sharpley & Wright, 2018)	positivos
Porque vi sites sobre desastres ambientais (MID4)		
Para conhecer um lugar diferente (AVE3)	Aventura (Castro & Rodrigues, 2009; Kang, et al, 2012; Stone, 2006).	
Para vivenciar um acontecimento único (AVE5)		
Por curiosidade (AVE6)		
Porque o desastre ambiental me faz refletir (REF1)	Reflexão (Amaral, 2016; Best, 2007; Kang, et al. 2012)	
Porque o cenário destruído me faz refletir (REF3)		
Para refletir sobre a perda ambiental (REF4)		
Tenho medo de visitar tais lugares (EMO1)	Emoção (Best, 2007; Morrison & Crane, 2007)	
Tenho medo de ter traumas psicológicos depois da visita (EMO3)		
Tenho medo da visita me trazer má sorte (EMO5)		
Visitar tais destinos é um <i>taboo</i> para mim (RES1)	Restrições pessoais (Epstein, 1998; Zhang et al., 2016)	Fatores afetivos negativos
Não quero visitar tais lugares enquanto o lugar não voltar à normalidade (RES3)		
Tenho superstição em visitar tais locais (RES4)		
Prefiro visitar lugares relaxantes e prazerosos (FAL2)	Falta de curiosidade (Zhang, et al.,2016)	
Prefiro visitar lugares com natureza abundante (FAL3)		
Esse tipo de turismo não me chama a atenção (FAL4)		
Tenho intenção de visitar um lugar onde ocorreram desastres ambientais (INT1)	Intenção de visitar (Zhang, et al., 2016)	Intenção de visitar
Tenho curiosidade de visitar lugares onde ocorreram desastres ambientais (INT2)		
Tenho vontade de visitar um local onde aconteceu um desastre ambiental (INT3)		

Fonte: Autor do texto (2020)

3.5. Plano de coleta de dados

O link de acesso ao instrumento de coleta foi enviado para os respondentes por meio online através da técnica bola de neve isto é, o questionário foi enviado a grupos de redes sociais online, e compartilhados para outros grupos de redes sociais por pessoas que já responderam o questionário, não havendo assim controle da amostra.

3.6 Técnicas de análise dos dados

Após conclusão da coleta de dados, a análise foi feita através do software IBM SPSS versão 23 para Windows, o qual é “destinado à análise de sondagens” (Veal, 2011, p. 400), com a utilização do pacote *Analysis of Moment Structures* - AMOS. A fim de atingir os objetivos propostos, foram necessários os processos como análise descritiva, retirada de *outliers*, análise fatorial exploratória e confirmatória e por fim, modelagem de equações estruturais.

A análise descritiva tem por objetivo mostrar o perfil sociodemográfico dos respondentes. A retirada de membros os quais não correspondem a esse perfil é denominada retirada de *outliers*, um indivíduo cujas respostas ficam muito distantes da faixa normalidade da distribuição das respostas da amostra (Marczyk et al., 2005).

A análise fatorial tem por objetivo reduzir a complexidade de variáveis a um nível mais simples, por meio da determinação de uma dimensão a um grande número de variáveis observáveis (Kerlinger, 2007). A análise fatorial confirmatória se dá através da observação das cargas fatoriais de variáveis observáveis em relação às não-observáveis. Uma carga fatorial é um coeficiente -- um número decimal, positivo ou negativo, geralmente menor que 1 -- que expressa o quanto um teste ou variável observada está "carregado" ou "saturado" em um fator” (Kerlinger, 2007, p. 204). Enquanto a análise fatorial confirmatória exige uma estrutura fatorial já delineada, a qual já apresente o número de fatores e os itens específicos correspondentes a cada dimensão (Damásio, 2013).

A Modelagem de equações estruturais é definida por Song e Lee (2012, p. 135) como “Uma ferramenta multivariada poderosa para estudar inter-relações entre variáveis latentes observáveis (tradução nossa⁸)”, através da junção das análises de regressão e fatorial confirmatória (Neves, 2018).

⁸ A powerful multivariate tool for studying interrelationships among observed and latent variables

A seguir é apresentado um quadro metodológico detalhando as técnicas de análise utilizadas para cada objetivo específico da pesquisa.

Quadro 1: Quadro metodológico

Objetivo Geral	Objetivos específicos	Categorias de análise	Método de coleta	Técnicas de análise
Investigar as inter-relações entre fatores cognitivos e afetivos capazes de influenciar a intenção das pessoas a visitarem lugares onde ocorreram desastres ambientais.	Descrever o perfil sociodemográfico do segmento de mercado interessado em viajar para um destino turístico de desastres	Perfil sociodemográfico dos respondentes	Questionário	Análise descritiva: Frequência, Média e Porcentagem
	Adequar um modelo de mensuração para investigar dimensões compostas de variáveis cognitivas e afetivas capazes de influenciar na escolha de um destino turístico de desastres	Fatores Cognitivos; Fatores Afetivos; História; Educação; Mídia; Aventura; Reflexão; Medo; Restrições pessoais; Falta de Curiosidade; Intenção de Visita	Pesquisa bibliográfica e Questionário	AFE, AFC, Índices de ajustamento, Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída.
	Desenvolver um modelo estrutural para investigar as relações de interdependência entre variáveis cognitivas e afetivas capazes de influenciar na escolha de um destino turístico de desastres	Fatores Cognitivos; Fatores Afetivos; História; Educação; Mídia; Aventura; Reflexão; Medo; Restrições pessoais; Falta de Curiosidade; Intenção de Visita	Pesquisa bibliográfica e Questionário	Modelagem de Equações Estruturais

Fonte: Autor do texto (2021)

3.7 Teste piloto

Em abril de 2020 foi realizado um teste-piloto utilizando o modelo representado na figura 4.

A pesquisa fez uso de abordagem quantitativa, e a análise dos dados foi feita através do software SPSS versão 22, e AMOS para realização da modelagem de equações estruturais. O questionário utilizado continha um total de 48 questões e foi dividido em duas partes. A primeira parte compreendeu as questões métricas baseadas na escala Likert (Malhotra, 2006), ou seja, 43 afirmações a respeito dos motivos para visitar um lugar onde ocorreu um desastre ambiental, onde o respondente deveria dizer seu grau de concordância com a afirmação entre 0 e 10, sendo 0 “discordo totalmente” e 10 “Concordo totalmente”. As 5 questões restantes diziam respeito ao perfil sociodemográfico dos respondentes.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 08 e 10 de abril de 2020 com 64 pessoas através do método bola de neve, isto é o link do questionário foi enviado para grupos das redes sociais online *whatsapp*, *instagram* e *facebook*, e disseminado posteriormente sem o controle da pesquisadora.

Através da Análise Fatorial Exploratória das dimensões do estudo (História, Educação, Mídia, Aventura, Reflexão, Emoção, Restrições Pessoais, Falta de Curiosidade e Intenção de Visita), pôde-se observar a boa composição das dimensões, com exceção de apenas uma variável da dimensão Educação, a qual obteve baixa carga fatorial e valor de comunalidade.

Já em relação aos valores de confiabilidade composta e variância média extraída, os mesmos foram baixos, onde até os valores aceitáveis ficaram muito próximos do limite mínimo, apontando que as variáveis observáveis não medem apenas um fator.

Quanto à validade do modelo estrutural, foram observados os valores de R^2 e coeficientes, conforme pode ser observado na figura 5.

Os fatores cognitivos refletem significativamente na educação (coeficiente de trilha de 0,79, $p < 0,001$), confirmando a hipótese 1, que afirma que os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo educacional em visitar os mesmos. Corroborando com o estudo de Yan, et al. (2016), o qual considerou a educação como fator motivador para visitar destinos *dark*. Os fatores cognitivos também retratam bem a História (coeficiente de trilha de 0,58, $p = 0,002$) confirmando a hipótese 2, a qual diz que os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo histórico em visita-los.

Os fatores afetivos positivos obtiveram trilhas significantes tanto para a Aventura (coeficiente de trilha de 0,76, $p < 0,001$), Reflexão (coeficiente de trilha de 0,63, $p < 0,001$) e Mídia (coeficiente de trilha de 0,88, $p < 0,001$), confirmando as hipóteses 3, 4 e 5, as quais afirmam que os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de aventura, de reflexão e de interesse criado pela mídia, respectivamente, em visitar os mesmos. Dessa forma, os resultados aqui encontrados contradizem o estudo de Zhang, et al. (2016), onde a influência da dimensão afetiva para a intenção de revisita não foi significativa, ao mesmo tempo em que corroboram com o estudo de Yan, et al. (2016) a respeito da relevância da aventura/curiosidade.

Em relação aos fatores afetivos negativos, as trilhas para Falta de curiosidade (coeficiente de trilha de 0,89, $p < 0,001$) e Restrições pessoais (coeficiente de trilha de 0,91, $p = 0,002$) foram significantes, confirmando as hipóteses 6 e 7, as quais diziam que os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente na falta de curiosidade e restrições pessoais, respectivamente, em visitar os mesmos. No entanto a trilha dos fatores afetivos negativos em relação à Emoção não foi significativa ($p > 0,05$), rejeitando-se a hipótese 8. As hipóteses 9, 10, as quais afirmam que os fatores cognitivos (coeficiente de trilha de 0,54, $p < 0,001$), afetivos positivos (coeficiente de trilha de 0,44, $p = 0,005$) respectivamente, afetam positivamente a intenção de visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais foram confirmadas, assim como a hipótese 11, que diz que os fatores afetivos negativos (coeficiente de trilha de -0,61 $p < 0,001$) afetam negativamente a intenção de visita a tais lugares. Dessa maneira, os resultados corroboram com os estudos de Rucińska e Lechowicz (2014), onde razões racionais (cognitivas) são tidas como motivos para visitar esses lugares, além de mencionarem o envolvimento emocional (afetivo) desse tipo de turismo.

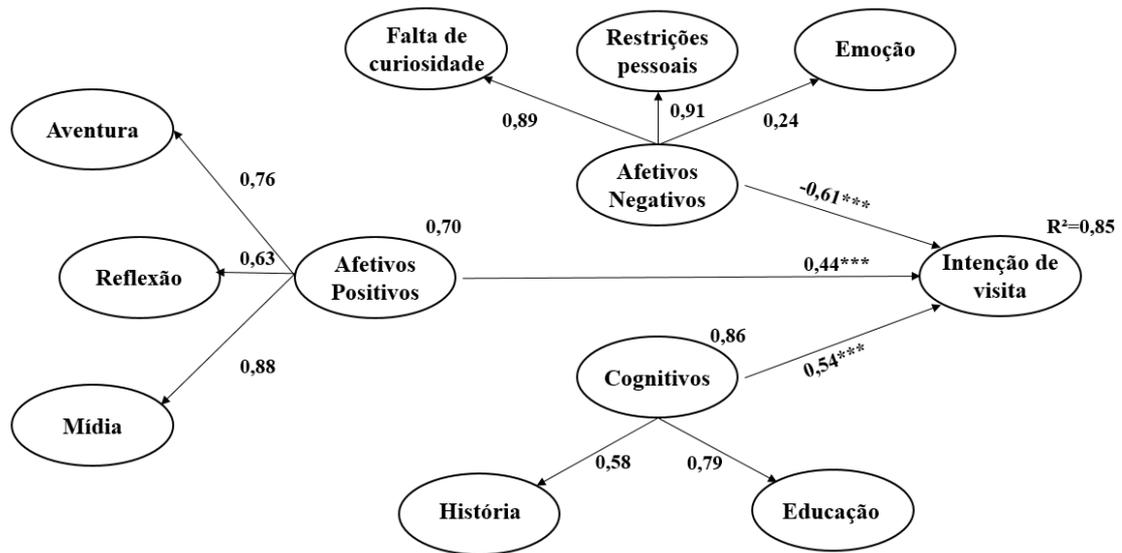


Figura 5. Resultados do modelo estrutural baseado no modelo de Zhang, et al. (2016)
 Fonte: Dados do teste piloto (2020)

Dessa forma, a partir dos dados do modelo de mensuração proposto a partir do teste piloto, decidiu-se fazer a mudança da dimensão Emoção para Medo, uma vez que emoções podem ser positivas e negativas, podendo gerar erros na análise final. As demais dimensões foram mantidas para a análise da coleta definitiva, a qual é demonstrada no capítulo seguinte.

4 ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo tem por finalidade validar os objetivos propostos no início do estudo, apresentando os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo. Seu primeiro tópico refere-se ao pré-teste, e a partir do segundo, trata da análise referente aos dados que devem responder aos objetivos da pesquisa, começando pela análise descritiva do perfil sociodemográfico dos respondentes, e das variáveis do estudo, enquanto o terceiro tópico trata da construção do modelo de mensuração, incluindo análise fatorial e de confiabilidade dos indicadores, seguida pela validação dos construtos do modelo e pelo modelo estrutural tanto original, como em sua versão reespecificada e análise das hipóteses propostas.

4.1 Análise descritiva do estudo

O instrumento de coleta de dados foi aplicado nos meses de novembro e dezembro de 2020, e aplicado a 229 pessoas. Assim como no teste piloto, o questionário final caracterizou-se como bola de neve e foi disponibilizado nas redes sociais *Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook* não limitando a amostra por região, tendo inclusive respondentes de outros países. A princípio havia uma questão filtro, a fim de que apenas pessoas com interesse em viajar para lugares onde ocorreram desastres ambientais respondessem o questionário. No entanto, devido ao baixo número de respondentes que atendessem a esse pré-requisito, a questão foi excluída. Dos 229 questionários completos, apenas um foi retirado por ser considerado *outlier*, totalizando 228 questionários válidos.

A princípio é analisado o perfil sociodemográfico dos respondentes, e posteriormente realiza-se a análise descritiva das variáveis do estudo.

4.1.1 Análise descritiva do perfil sociodemográfico dos respondentes

A análise descritiva da amostra consiste em expor os dados referentes ao perfil sociodemográfico de todos os respondentes válidos da pesquisa.

Na tabela 3 é apresentado o perfil dos respondentes em relação ao gênero, sendo 70,6% pertencentes ao gênero feminino e 26,8% ao gênero masculino. A opção “outro” gênero também foi contemplada, totalizando 2,6% dos respondentes. Ficando evidente que o gênero feminino é predominante, representando mais da metade da amostra.

Tabela 3
Perfil dos respondentes em relação ao gênero

Gênero	Frequência	%	% Acumulada
Feminino	161	70,6	70,6
Masculino	61	26,8	97,4
Outro	6	2,6	100
Total	228	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Com relação aos dados demográficos referentes à faixa etária dos respondentes, na tabela 4 é demonstrado que a parte majoritária da amostra encontra-se entre 21 e 40 anos. Pessoas com menos de 21 anos representam 8,8% dos respondentes, enquanto que o grupo entre 41 e 50 anos soma 4,8% e o acima de 51 anos são 5,7% da amostra.

Tabela 4
Perfil dos respondentes em relação à faixa etária

Faixa etária	Frequência	%	% Acumulada
Menor do que 21 anos	20	8,8	8,8
Entre 21 e 30 anos	150	65,8	74,6
Entre 31 e 40 anos	34	14,9	89,5
Entre 41 e 50 anos	11	4,8	94,3
Maior do que 51 anos	13	5,7	100
Total	228	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A respeito do estado civil dos respondentes, a maioria encontra-se solteira, somando 76% da amostra, e seguidos por 18% de casados como demonstrado na tabela 5. Divorciados representam apenas 1,3% da amostra.

Tabela 5
Perfil dos respondentes em relação ao estado civil

Estado civil	Frequência	%	% Acumulada
Solteiro (a)	174	76,3	76,3
Casado (a)	41	18	94,3
Divorciado (a)	3	1,3	95,6
Outro	10	4,4	100
Total	228	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Ainda com relação ao perfil sociodemográfico dos respondentes, a escolaridade dos mesmos é representada na tabela 6, a qual demonstra que os grupos com mais representantes são os com ensino superior incompleto (44,3%), ensino superior completo (23,7%) e pós-graduação completa (17,5%).

Tabela 6
Perfil dos respondentes em relação à escolaridade

Escolaridade	Frequência	%	% Acumulada
Ensino fundamental incompleto	1	0,4	0,4
Ensino fundamental completo	7	3,1	3,5
Ensino superior incompleto	101	44,3	47,8
Ensino superior completo	54	23,7	71,5
Pós-graduação incompleta	25	11	82,5
Pós-graduação completa	40	17,5	100
Total	228	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Na tabela 7 é apresentada a frequência com que os respondentes viajam, sendo a opção “às vezes” a mais selecionada, totalizando 43,9% da amostra. As demais opções foram respectivamente “quase sempre” com 32,9%, “sempre” com 12,3%, “quase nunca” com 9,6% e “nunca” com apenas 1,3%.

Tabela 7

Perfil dos respondentes em relação a frequência em que viajam

Frequência em que viaja	Frequência	%	% Acumulada
Nunca	3	1,3	1,3
Quase nunca	22	9,6	11
Às vezes	100	43,9	54,8
Quase sempre	75	32,9	87,7
Sempre	28	12,3	100
Total	228	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Os respondentes também foram questionados sobre se já viajaram para destinos de desastres em razão deste motivo. Porém o número de pessoas que já realizaram estas viagens não foi expressivo, totalizando apenas 12,7% do total da amostra, como apresentado na tabela 8.

Tabela 8

Respondentes que já viajaram para destinos de desastres

Já viajou para destinos de desastre	Frequência	%	% Acumulada
Sim	29	12,7	12,7
Não	199	87,3	100
Total	228	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Percebe-se dessa forma que os respondentes são em sua maioria mulheres adultas com grau de escolaridade considerável. Chama-se a atenção o baixo número de pessoas que já viajaram para lugares por causa de desastres ambientais, uma vez que grande parte da amostra afirma viajar com certa frequência, levantando questionamentos acerca da prioridade de destinos de outros segmentos frente aos de desastre durante o planejamento de viagem.

4.1.2 Análise descritiva das variáveis do estudo

Para a análise descritiva das variáveis observáveis no estudo, foram utilizadas as medidas de média, desvio padrão, assimetria e curtose. A média se refere ao centro da

distribuição, enquanto o desvio padrão é a medida de dispersão dos dados (Corrar, Dias Filho & Paulo, 2009), enquanto que as abordagens de assimetria e curtose têm como fundamento a comparação entre os valores paramétricos desses coeficientes na distribuição normal com os valores estimados na amostra ou no experimento (Santos & Ferreira, 2003). A assimetria aponta a tendência e maior condensação dos dados em relação ao ponto central (Corrar, Dias Filho & Paulo, 2009) e a curtose é a medida de pico ou achatamento da distribuição (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005). Marôco (2010) afirma que para que os valores desses indicadores sejam aceitáveis e certifiquem a existência de normalidade dos dados, seus valores devem ser inferiores a $|3|$ para a assimetria, e inferiores a $|10|$ para a curtose.

Na tabela 9 são apresentados os indicadores de análise descritiva dos fatores cognitivos. Sua média se manteve acima de 6,0, com exceção de apenas uma variável, indicando que questões lógicas e racionais como história e educação podem incentivar a visita a destinos de desastre. E em relação à assimetria e curtose das variáveis, ambas se apresentam dentro do limite proposto por Marôco (2010), indicando distribuição normal para análise.

Tabela 9
Indicadores da análise descritiva – Fatores cognitivos

Variável	Média	Desvio padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Erro padrão	Estatística	Erro padrão
HIS1	6,89	2,90	-0,892	0,162	-0,023	0,322
HIS2	7,71	7,71	-1,268	0,162	1,103	0,322
HIS3	4,74	3,24	-0,005	0,162	-1,160	0,322
HIS4	6,97	6,97	-0,862	0,162	0,027	0,322
HIS5	6,48	6,48	-0,700	0,162	-0,544	0,322
EDU1	6,71	6,71	-0,796	0,162	-0,173	0,322
EDU2	5,70	3,01	-0,398	0,162	-0,876	0,322
EDU3	6,44	6,44	-0,644	0,162	-0,645	0,322
EDU4	6,79	6,79	-0,828	0,162	-0,177	0,322

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Os indicadores referentes à fatores afetivos positivos não apresentaram médias tão altas como os cognitivos. É possível observar na tabela 10 que muitas das médias encontram-se abaixo de 6, o que pode indicar que questões emocionais e internas dos indivíduos não são

de grande motivação para visitar destinos de desastre. A assimetria e curtose, assim como nos indicadores cognitivos, encontram-se dentro dos padrões que indicam normalidade.

Tabela 10

Indicadores da análise descritiva – Fatores afetivos positivos

Variável	Média	Desvio padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Erro padrão	Estatística	Erro padrão
MID1	4,50	4,50	0,146	0,162	-1,023	0,322
MID2	4,37	4,37	0,135	0,162	-1,153	0,322
MID3	2,31	2,71	1,049	0,162	0,138	0,322
MID4	3,36	3,36	0,516	0,162	-0,784	0,322
AVE1	5,78	3,16	-0,372	0,162	-0,999	0,322
AVE2	4,93	3,43	0,013	0,162	-1,358	0,322
AVE3	6,79	6,79	-0,699	0,162	-0,573	0,322
AVE5	6,24	6,24	-0,473	0,162	-0,993	0,322
AVE6	6,97	6,97	-0,854	0,162	-0,203	0,322
REF1	6,03	6,03	-0,429	0,162	-0,914	0,322
REF2	5,52	5,52	-0,240	0,162	-1,087	0,322
REF3	5,46	5,46	-0,264	0,162	-1,124	0,322
REF4	6,14	3,044	-0,476	0,162	-0,866	0,322

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Na tabela 11 são indicados os indicadores dos fatores afetivos negativos, os quais obtiveram médias baixas, sendo sua maioria abaixo de 4, indicando que questões intrínsecas com semblante negativo dos indivíduos podem desestimulá-los a visitar destinos de desastre. Os dados referentes à assimetria encontram-se abaixo de 3, e a curtose abaixo de 10, indicando novamente normalidade.

Tabela 11
Indicadores da análise descritiva – Fatores afetivos negativos

Variável	Média	Desvio padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Erro padrão	Estatística	Erro padrão
MED1	2,65	2,65	0,907	0,162	-0,261	0,322
MED2	3,63	3,63	0,499	0,162	-1,157	0,322
MED3	2,53	2,53	1,013	0,162	-0,200	0,322
MED4	3,67	3,20	0,433	0,162	-0,982	0,322
MED5	1,18	2,29	2,092	0,162	3,704	0,322
RES1	1,89	1,89	1,384	0,162	1,033	0,322
RES2	3,23	3,34	0,718	0,162	-0,762	0,322
RES3	3,79	3,79	0,425	0,162	-1,133	0,322
RES4	1,38	1,38	1,912	0,162	2,875	0,322
FAL1	3,39	3,39	0,556	0,162	-0,978	0,322
FAL2	6,72	6,72	-0,512	0,162	-0,665	0,322
FAL3	6,83	6,83	-0,745	0,162	-0,257	0,322
FAL4	3,71	3,302	0,432	0,162	-1,008	0,322

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Já em relação aos indicadores referentes à intenção de visita, na tabela 12 são apresentadas suas médias, as quais são próximas a 5, indicando uma intenção de visita mediana, o que pode indicar dentre várias possibilidades, que esses destinos estariam em plano secundário nos planos de viagem de turistas, podendo ser um lugar em que iriam por conveniência, por ter viajado para lugares nas proximidades, ou por fazerem parte de um itinerário pré-definido por uma agência de viagens (Ivanova & Light, 2018), de forma a não excluir, mas não priorizar tais destinos.

Tabela 12

Indicadores da análise descritiva – Intenção de visita a destinos de desastre

Variável	Média	Desvio padrão	Assimetria		Curtose	
			Estatística	Erro padrão	Estatística	Erro padrão
INT1	4,87	4,87	0,002	0,162	-1,094	0,322
INT2	6,04	6,04	-0,422	0,162	-0,980	0,322
INT3	5,24	5,24	-0,103	0,162	-1,137	0,322
INT4	6,02	6,02	-0,366	0,162	-0,809	0,322
INT5	3,02	3,18	0,762	0,162	-0,623	0,322
INT6	5,37	3,39	-0,201	0,162	-1,201	0,322

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

4.2 Adequação de um modelo de mensuração eficaz na investigação da intenção de visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais

Um modelo de mensuração tem por objetivo mensurar construtos latentes a partir de variáveis observadas (Neves, 2018). A fim de compor um modelo de mensuração adequado para investigar as relações existentes entre as variáveis capazes de influenciar na intenção de visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais, foram adaptadas do modelo de Zhang et al. (2016) as dimensões História, Educação, Medo, Falta de curiosidade, Restrições pessoais e Intenção de Visita, de modo que as demais dimensões do estudo foram incorporadas a partir de referências bibliográficas que as relacionam com o turismo de desastre, sendo elas a Mídia, Aventura e Reflexão. Posteriormente foram criados indicadores para compor tais dimensões, ocorrendo a técnica de análise fatorial, a qual é “um método analítico para determinar o número e natureza das variáveis subjacentes a um grande número de variáveis ou medidas” (Kerlinger, 2007, p. 203).

A análise fatorial se divide em dois grupos, a análise fatorial exploratória (AFE) e a análise fatorial confirmatória (AFC). A primeira procura investigar de que forma um conjunto de itens se agrupa (Damásio, 2013), enquanto a segunda se refere a um tipo de modelagem de equações estruturais (MEE) voltada, especificamente, a modelos de mensuração. Ambas as técnicas foram utilizadas na presente pesquisa, sendo a AFE utilizada por meio do software SPSS v23 para definir quais das várias variáveis propostas para cada dimensão a comporiam melhor. Enquanto a AFC foi utilizada posteriormente através do software AMOS para

confirmar que as variáveis indicadas pela AFE compunham corretamente dimensões (Millsap & Meredith, 2007).

Dessa forma, um conjunto de variáveis observáveis compõem uma dimensão, sendo a carga fatorial o número que determina o quanto tais variáveis determinam o construto latente. Essa carga pode ser entendida como “um coeficiente — um número decimal, positivo ou negativo, geralmente menor que 1 — que expressa o quanto um teste ou variável observada está “carregado” ou “saturado” em um fator” (Kerlinger, 2007, p. 204), ou seja de que modo cada variável observada contribui ou dificulta a formação do fator. Hair, Anderson, Tatham e Black (1998) afirmam que o valor mínimo da carga fatorial deve ser 0,70 para que as variáveis possam explicar 50% da variância.

A fim de definir a melhor composição das dimensões, foram observados os seguintes indicadores de análise fatorial: a comunalidade, e os teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e Esfericidade de *Bartlett's*. A comunalidade indica o nível de associação entre a variável e a dimensão, devendo ter valores superiores a 0,60 (Figueiredo Filho & Silva Junior, 2010).

De acordo com Bomfim, Almeida, Gouveia, Macedo e Marques (2011, p. 5), o teste KMO “avalia a adequação da amostra quanto ao grau de correlações parciais entre as variáveis”, podendo variar entre 0 e 1, sendo 0,5 seu valor mínimo (Hair, Black, Babin & Anderson, 2006), e mais apropriado quanto mais se aproxima de 1 (Figueiredo Filho & Silva Junior, 2010). Enquanto o teste de esfericidade de Bartlett é utilizado para “avaliar a hipótese de que a matriz de correlações pode ser a matriz identidade com determinante igual a 1” (Bomfim et al., 2011, p. 6), sendo considerado adequado quando o nível de significância for próximo a 0,00 (Corrar, Dias Filho & Paulo, 2009).

É demonstrado na tabela 13 que o grupo de variáveis mais adequado para compor a dimensão História é composto por HIS2 (significado histórico) HIS4 (acontecimento importante) e HIS5 (memória).

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela, variam entre 0,78 e 0,85, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Historia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade também são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,6, indicando a boa relação entre as variáveis e a dimensão. E o KMO (0,66) também indica a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão História, uma vez que explicam quase 70% da variância total da dimensão.

Tabela 13

Análise fatorial exploratória – Dimensão história

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
HIS2	Significado histórico do lugar	0,85	0,73
HIS4	Ali ocorreu algo importante	0,78	0,62
HIS5	Pela memória do lugar	0,78	0,62

Análise da dimensão		
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,66	154,242 – sig: 0,000	65,88%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Já na tabela 14 é demonstrado que o grupo de variáveis mais adequado para compor a dimensão Educação é composto por EDU1 (aprender sobre o desastre) EDU3 (aprender com erros do passado) e EDU4 (aprender sobre a natureza do lugar).

Seus valores de cargas fatoriais, assim como apresentados na tabela, variam entre 0,78 e 0,89, indicando, assim como no fator História, que há correlações entre as variáveis e a dimensão Educação, já que os valores encontram-se acima de 0,70. Os dados da comunalidade também são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,6, o que indica boa relação entre as variáveis e a dimensão. Em relação ao KMO (0,71), o mesmo indica a correlação entre as variáveis, se encontrando acima de 0,60. Dessa forma, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão Educação, as quais explicam 70,7% da variância total da dimensão.

Tabela 14

Análise fatorial exploratória – Dimensão educação

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
EDU1	Aprender sobre a natureza do desastre	0,89	0,80
EDU3	Aprender com erros do passado	0,78	0,60
EDU4	Aprender sobre a natureza do lugar	0,84	0,71

Análise da dimensão		
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,65	222,868 – sig: 0,000	70,75%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Para a dimensão Mídia, o melhor grupo de variáveis para compô-la constitui-se de MID1 (filmes e séries sobre desastres naturais) MID2 (reportagens sobre desastres naturais) e MID4 (sites sobre desastres naturais), como representado na tabela 15.

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela, variam entre 0,84 e 0,85, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade também são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,7, indicando a boa relação entre as variáveis e a dimensão. E o KMO (0,71) também indica a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão Mídia, explicando mais de 70% da variância total da dimensão.

Tabela 15

Análise fatorial exploratória – Dimensão mídia

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
MID1	Filmes e séries sobre desastres naturais	0,84	0,71
MID2	Reportagens sobre desastres naturais	0,84	0,71
MID4	Sites sobre desastres ambientais	0,85	0,72

Análise da dimensão

KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,71	217,415 – sig: 0,000	72,07%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Para a dimensão Aventura, é apresentado na tabela 16 que o melhor grupo de variáveis para compô-la constitui-se de AVE3 (Conhecer um lugar diferente) AVE5 (vivenciar algo único) e AVE6 (curiosidade).

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela, variam entre 0,81 e 0,86, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade também são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,6, indicando a boa relação entre as variáveis e a dimensão. E o KMO (0,69) também indica a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis

manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão Mídia, explicando 70% da variância total da dimensão.

Tabela 16

Análise fatorial exploratória – Dimensão Aventura

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
AVE3	Conhecer um lugar diferente	0,86	0,74
AVE5	Vivenciar algo único	0,84	0,70
AVE6	Curiosidade	0,81	0,65

Análise da dimensão		
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,69	197,020 – sig: 0,000	70,16%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Para a dimensão Reflexão, o melhor grupo de variáveis para compô-la constitui-se de REF1 (O desastre faz refletir), REF2 (A existência de vítimas faz refletir) e REF3 (O cenário de destruição faz refletir). Como representado na tabela 17.

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela, variam entre 0,84 e 0,91, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade também são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,7, indicando a boa relação entre as variáveis e a dimensão. Em relação ao KMO, o mesmo indicou o valor 0,71, indicando a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão Mídia, explicando mais de 70% da variância total da dimensão.

Tabela 17

Análise fatorial exploratória – Dimensão reflexão

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
REF1	O desastre faz refletir	0,89	0,80
REF2	A existência de vítimas faz refletir	0,84	0,71
REF3	O cenário de destruição faz refletir	0,91	0,82

Análise da dimensão		
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,71	326,149 – sig: 0,000	78,19%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

De acordo com o exposto na tabela 18, para a dimensão Medo, o melhor grupo de variáveis constitui-se de MED1 (Medo de visitar) MED2 (Medo de ver cenas horríveis) e MED3 (Medo de ter traumas psicológicos).

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela, variam entre 0,85 e 0,89, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade também são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,7, indicando a boa relação entre as variáveis e a dimensão. Em relação ao KMO, o mesmo indicou o valor 0,72, indicando a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão Mídia, explicando 76% da variância total da dimensão.

Tabela 18

Análise fatorial exploratória – Dimensão Medo

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
MED1	Medo de visitar destinos de desastre	0,85	0,73
MED2	Medo de ver cenas horríveis	0,86	0,75
MED3	Medo de ter traumas psicológicos por causa da visita	0,89	0,80

Análise da dimensão		
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,72	286,192 – sig: 0,000	76,47%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Para a dimensão Restrições Pessoais, o melhor grupo de variáveis para compô-la constitui-se de RES1 (Esses destinos são um *taboo*) RES3 (Visitar o lugar somente após o mesmo voltar à normalidade) e RES4 (Superstições). Como exposto na tabela 19.

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela, variam entre 0,72 e 0,82, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade não são tão altos como o esperado, sendo o valor de RES3 inferior a 0,6, o que indica uma relação não tão boa entre a variável e a dimensão. Em relação ao KMO, o mesmo indicou o valor 0,64, indicando a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem a dimensão Mídia,

explicando mais de 60% da variância total da dimensão, porém não de forma satisfatória, indicando que podem haver outras variáveis, as quais não foram abordadas nesse estudo, que podem representar compor melhor a dimensão.

Tabela 19

Análise fatorial exploratória – Dimensão Restrições pessoais

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
RES1	Destinos de desastre são um <i>taboo</i>	0,82	0,68
RES3	Visitar o lugar somente após o mesmo voltar à normalidade	0,72	0,52
RES4	Superstições	0,77	0,60

Análise da dimensão		
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,64	106,609 – sig: 0,000	60,47%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Para a dimensão Falta de Curiosidade, o melhor grupo de variáveis para compô-la constitui-se de FAL1 (Falta de impulso) FAL2 (Prefere lugares relaxantes) e FAL4 (Esses destinos não chamam a atenção). Como demonstrado na tabela 20.

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela 21, variam entre 0,72 e 0,87, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Assim como os dados da variável medo, os dados da comunalidade da Falta de Curiosidade também não são tão altos como o esperado, sendo o valor de FAL2 inferior a 0,6, o que indica uma relação não tão boa entre a variável e a dimensão. Em relação ao KMO, o mesmo indicou o valor 0,63, indicando a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem a dimensão Mídia, explicando 66% da variância total da dimensão, porém não de forma satisfatória, indicando que podem haver outras variáveis, as quais não foram abordadas nesse estudo, que podem representar compor melhor a dimensão.

Tabela 20

Análise fatorial exploratória – Dimensão Falta de curiosidade

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
FAL1	Não tem impulso em visitas destinos de desastre	0,83	0,69
FAL2	Prefere lugares relaxantes	0,72	0,52
FAL4	Tais destinos não chama a atenção	0,87	0,77
Análise da dimensão			
KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada	
0,63	174,766 – sig: 0,000	66,34%	

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Para a dimensão Intenção de Visita, o melhor grupo de variáveis para compô-la constitui-se de INT1 (tem intenção), INT2 (tem curiosidade), INT3 (tem vontade), e INT4 (Acha esses lugares interessantes). Como representado na tabela 21.

Para tais variáveis selecionadas, os valores das cargas fatoriais representados na tabela 22, variam entre 0,86 e 0,89, indicando correlações entre as variáveis e a dimensão (Mídia), uma vez que os valores se encontram acima de 0,70. Os dados da comunalidade são maiores do que o mínimo exigido, sendo superiores a 0,7, indicando a boa relação entre as variáveis e a dimensão. E o KMO (0,82) também indica a correlação entre as variáveis, uma vez que está acima de 0,60 e próximo a 1. Dessa maneira, subentende-se que as variáveis manifestas eleitas compõem satisfatoriamente a dimensão Mídia, explicando quase 80% da variância total da dimensão.

Tabela 21

Análise fatorial exploratória – Dimensão Intenção de visita

Variável	Descrição da dimensão	Carga fatorial	Comunalidade
INT1	Tem intenção de visitar destinos de desastre	0,91	0,83
INT2	Tem curiosidade de visitar destinos de desastre	0,88	0,78
INT3	Tem vontade de visitar destinos de desastre	0,92	0,85

Análise da dimensão

KMO	Teste de esfericidade de Bartlett	Variância total explicada
0,74	400,829 – sig: 0,000	82,29%

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

De acordo com o exposto acerca das análises fatoriais exploratórias dos construtos, observa-se que apenas as variáveis Restrições Pessoais e Falta de Curiosidade apresentam valores não satisfatórios.

A fim de aprofundar mais a análise dessas e das demais dimensões, foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória das mesmas, cujos resultados são apresentados abaixo.

Na tabela 22 é possível notar que em relação aos fatores História e Educação, a AFC apresentou cargas fatoriais inferiores a AFE, expondo respectivamente dois e um valor inferior a 0,7. Podendo indicar que as variáveis não explicam satisfatoriamente as dimensões.

Tabela 22

Análise fatorial confirmatória dos fatores cognitivos

Dimensão	Variável	Carga fatorial
História	HIS2	0,79
	HIS4	0,64
	HIS5	0,68
Educação	EDU1	0,84
	EDU3	0,64
	EDU4	0,78

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Sobre os fatores Mídia, Aventura e Reflexão, a AFC também apresentou cargas fatoriais inferiores a AFE, seu valor abaixo de 0,7 aproxima-se do valor de referência, podendo-se considerar que tais dimensões são bem construídas por suas variáveis. Como demonstrado na tabela 23.

Tabela 23

Análise fatorial confirmatória dos fatores afetivos positivos

Dimensão	Variável	Carga fatorial
Mídia	MID1	0,78
	MID2	0,77
	MID4	0,73
Aventura	AVE3	0,72
	AVE5	0,80
	AVE6	0,70
Reflexão	REF1	0,85
	REF2	0,89
	REF3	0,63

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

É exposto na tabela 24 que em relação aos fatores Medo, Restrições Pessoais e Falta de Curiosidade, a AFC também apresentou cargas fatoriais inferiores a AFE. A dimensão Medo permanece com cargas fatoriais superiores a 0,7, porém Restrições Pessoais apresentou todas as cargas de suas variáveis, inferiores a 0,7, enquanto Falta de Curiosidade apresentou uma variável com valor abaixo do mínimo indicado. Indicando que as variáveis podem não explicar satisfatoriamente as dimensões.

Tabela 24

Análise fatorial confirmatória dos fatores afetivos negativos

Dimensão	Variável	Carga fatorial
Medo	MED1	0,78
	MED2	0,75
	MED3	0,78
Restrições pessoais	RES1	0,64
	RES3	0,50
	RES4	0,76
Falta de curiosidade	FAL1	0,80
	FAL2	0,68
	FAL4	0,61

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A dimensão Intenção de Visita, obteve Cargas Fatoriais Confirmatórias inferiores às Exploratórias, contudo se manteve acima de 0,7. Podendo-se entender que tal dimensão é bem representada por suas variáveis. Como pode ser observado na tabela 25.

Tabela 25

Análise fatorial confirmatória da intenção de visita

Dimensão	Variável	Carga fatorial
Intenção de visita	INT1	0,84
	INT2	0,80
	INT3	0,89

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

4.3 Desenvolvimento de um modelo estrutural para investigar o relacionamento das dimensões que influenciam a intenção de visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais

Neste tópico são discutidos os índices relacionados à Modelagem de Equações Estruturais (MEE), a qual é definida por Neves (2018, p. 7) como:

Uma técnica de modelagem estatística multivariada de caráter geral, que é amplamente utilizada nas Ciências Humanas e Sociais. Pode ser vista como uma combinação de análise fatorial e regressão (ou a ampliação dessas para a análise de trajetórias ou caminhos). O interesse de muitos pesquisadores e outros profissionais

em MEE deriva, muitas vezes, das construções teóricas que podem ser desenvolvidas a partir dos construtos latentes. As relações entre as construções teóricas são representadas por coeficientes de regressão ou coeficientes de trajetória entre variáveis observadas e/ou latentes. O modelo de equações estruturais implica uma estrutura para as covariâncias entre as variáveis observadas.

A MEE funde dois tipos de análise, a Regressão e a Análise Fatorial, esta última já tendo sido abordada no tópico anterior. A análise de Regressão é uma metodologia que mede a mudança média que ocorre em uma variável endógena que está associada às mudanças sucedidas em uma ou mais variáveis exógenas. A regressão simples, analisa a relação entre a variável endógena com uma única variável exógena, enquanto na análise de regressão múltipla, a variável endógena relaciona-se com mais de uma variável exógena (Neves, 2018). Sendo esta segunda o tipo de regressão utilizada na presente pesquisa.

Tem-se no modelo estrutural a aplicação da MEE para obtenção dos resultados efetivos da pesquisa. Esse modelo é apresentado na figura 6.

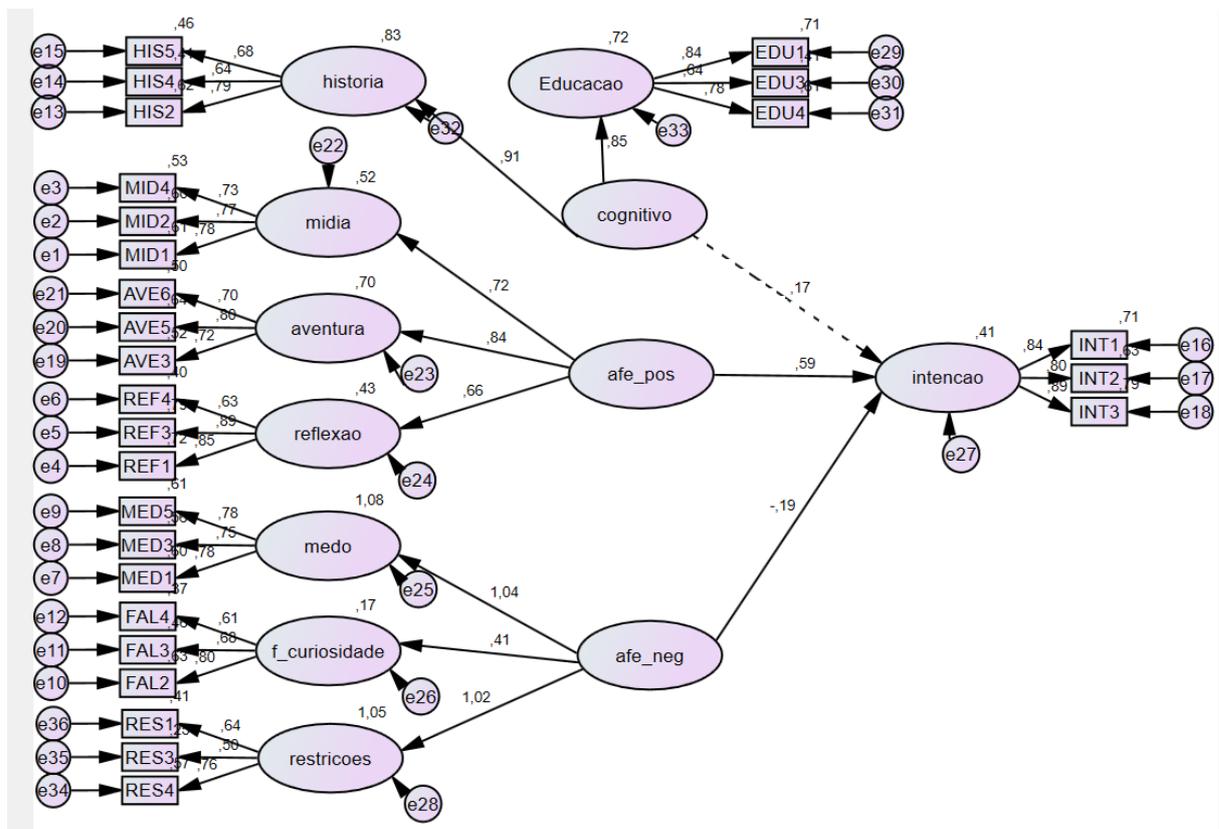


Figura 6: Resultados do modelo estrutural baseado no modelo de Zhang, et al. (2016)

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O modelo estrutural mostra, mais uma vez, as cargas fatoriais confirmatórias das variáveis, assim como os valores das regressões e de R².

Todas as trilhas foram identificadas como significantes ($p < 0,05$), obtendo valores de p menores do que 0,001, com exceção da regressão que indica os Fatores Cognitivos para a Intenção de Visita, tendo esta apresentado valor de p maior do que 0,05 ($p = 0,07$), e dessa forma considerada não significativa.

Na tabela 26 é apresentado o índice de ajuste (Model Fit), composto por diretrizes estatísticas que interpretam o ajuste de modelos específicos (Wongpakaran, Wongpakaran & Ruktrakul, 2011). Sendo utilizados no estudo os índices TLI (Tucker-Lewis Index), CFI (Comparative Fit Index), NFI (Norm-normed Fit Index), **PGFI** (Parsimony Goodness of Fit Index), PCFI (Teste de James, Mulaik and Brett, 1982, aplicado a NFI), RMSEA (Root-Mean-Square Error of Aproximation), GFI (Goodness of Fit Index) e estatística Qui-quadrado (X^2).

Tabela 26
Índice de ajustamento do modelo estrutural

Índices	Grupo de índice	Resultados	Valores de referência (Marôco, 2010)
TLI	Índices relativos	0,747	[0,90 - 0,95 Ajustamento Bom > 0,95 Ajustamento Muito Bom
CFI		0,775	
NFI		0,710	
PCFI	Índices de parcimônia	0,691	0,6 - 0,8 Ajustamento Bom
PGFI		0,635	
RMSEA	Índice de discrepância populacional	0,101	< 0,05 - Ajustamento Bom
X ² /DF	Índices absolutos	3,328	1 - 2 Ajustamento Bom
GFI		0,767	0,90 - 0,95 Ajustamento Bom

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Os valores do índice de ajustamento demonstram que apenas os índices de discrepância e parcimônia têm ajustamento considerado bom. Contudo, os dados não devem ser descartados, uma vez que tais valores dependem do tamanho da amostra, a qual não obteve apenas 5 respondentes por variável, ao invés de 10 a 15 como é recomendado por Marôco (2010), o qual também aponta que os valores de referência desses indicadores não são

consensuais entre os autores da temática, uma vez que houveram 27 variáveis analisadas, deveriam haver 270 respondentes.

4.4 Validação dos construtos do modelo

A confiabilidade se refere à capacidade de um construto de ser consistente (Marôco & Garcia-Marques, 2006). Os indicadores de confiabilidade são o Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída. O Alfa de Cronbach mede a correlação entre variáveis através da análise do perfil das respostas do instrumento de coleta (Da Hora, Monteiro & Arica, 2010). A Confiabilidade Composta representa a consistência interna das variáveis, as quais compõem a dimensão. Enquanto a Variância Média Extraída (VME) representa a confiabilidade do modelo a partir da confiabilidade dos construtos (Hair-Júnior, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009).

Antes de realizar as análises de confiabilidade, é necessário observar os dados utilizados para realizá-las. Sendo eles as Cargas Não Padronizadas, Erro Padrão, C.R, Carga Padronizada, e valor de P.

Como apresentado na tabela 27, a respeito das regressões das dimensões cognitivas História e Educação em relação a suas variáveis observáveis, nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações.

Tabela 27

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Fatores Cognitivos

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
História → HIS2	1,00	5,31	--	0,79	***
História → HIS4	0,89	4,57	8,744	0,64	***
História → HIS5	1,06	2,39	8,821	0,68	***
Educação → EDU1	1,00	2,39	--	0,84	***
Educação → EDU3	0,81	5,60	9,590	0,64	***
Educação → EDU4	0,92	3,17	11,648	0,78	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Sobre as regressões das dimensões afetivas positivas Mídia, Aventura e Reflexão, em relação a suas variáveis observáveis, nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações. Como é possível notar na tabela 28.

Tabela 28

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Fatores Afetivos Positivos

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Mídia →MID1	1,09	3,87	10,070	0,78	***
Mídia →MID2	1,10	4,08	10,015	0,77	***
Mídia →MID4	1,00	4,38	--	0,73	***
Aventura → AVE3	1,02	4,25	9,166	0,72	***
Aventura → AVE5	1,24	3,94	8,921	0,80	***
Aventura → AVE6	1,00	4,54	--	0,70	***
Reflexão → REF1	1,35	2,68	10,038	0,85	***
Reflexão → REF3	1,48	2,12	9,651	0,89	***
Reflexão → REF4	1,00	5,53	--	0,63	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Na tabela 29 percebe-se que as regressões das dimensões afetivas negativas Medo, Restrições Pessoais e Falta de Curiosidade, em relação a suas variáveis observáveis, o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações.

Tabela 29

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural Confiabilidade – Fatores Afetivos Negativos

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Medo → MED1	1,28	3,46	10,764	0,78	***
Medo → MED3	1,25	4,00	10,537	0,75	***
Medo → MED5	1,00	2,05	--	0,78	***
Restrições pessoais → RES1	1,03	4,10	--	0,64	***
Restrições pessoais → RES3	1,08	8,98	6,843	0,50	***
Restrições pessoais → RES4	1,00	2,45	9,010	0,76	***
Falta de Curiosidade → FAL2	1,12	2,99	6,879	0,80	***
Falta de Curiosidade → FAL3	0,95	4,32	6,990	0,68	***
Falta de Curiosidade → FAL4	1,00	6,80	--	0,61	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A respeito das regressões da dimensão Intenção de Visita em relação a suas variáveis observáveis, também nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações. Como pode ser observado na tabela 30.

Tabela 30

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Intenção de Visita

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Intenção de visita → INT1	1,00	2,70	--	0,84	***
Intenção de visita → INT2	0,96	3,58	14,640	0,80	***
Intenção de visita → INT3	1,06	1,96	17,044	0,89	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O Alfa de Cronbach deve ter valor igual ou maior do que 0,6 Hair et al. (2009). A VME, de acordo com Fornell e Larcker (1981) deve ser igual ou superior a 0,50 para indicar o ajuste adequado do modelo. Enquanto que o valor mínimo da Confiabilidade Composta varia para diferentes autores, sendo recomendado o valor mínimo de 0,70 por Hair et al. (2009) e 0,60 por Bagozzi e Yi (1988).

Na tabela 31 são apresentados os índices da análise de confiabilidade do modelo.

Tabela 31

Análise de Confiabilidade – Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída

Fator	Alfa de Cronbach	Confiabilidade Composta	Variância Média Extraída
História	0,73	0,41	0,49
Educação	0,78	0,40	0,57
Mídia	0,80	0,45	0,57
Aventura	0,78	0,45	0,54
Reflexão	0,83	0,59	0,63
Medo	0,81	0,57	0,59
Restrições pessoais	0,65	0,38	0,41
Falta de curiosidade	0,72	0,40	0,49
Intenção de visita	0,89	0,53	0,71

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Tendo como base os valores de referência apontados pelos autores acima, percebe-se que os valores de Alfa de Cronbach foram aceitáveis, pois ultrapassaram 0,60. Com relação à Confiabilidade Composta, suas medidas foram abaixo do esperado, não havendo nenhuma dimensão atingido o valor mínimo de referência de 0,70. Os valores de VME também não são tão satisfatórios, com duas dimensões (História e Restrições Pessoais) não atingindo o mínimo estipulado (0,50). Dessa forma, aponta-se que o modelo é questionável.

4.5 Modelo estrutural reespecificado

Devido aos baixos valores das cargas fatoriais confirmatórias, índices de ajustamento e de confiabilidade, decidiu-se reespecificar o modelo estrutural, a fim de obter valores aceitáveis de tais indicadores.

Através de análise fatorial exploratória por meio do software SPSS, utilizando conjuntamente as variáveis das dimensões História e Educação (Fatores Cognitivos), verificou-se que tais variáveis compõem apenas uma dimensão, e não duas como esperado (História e Educação). Havendo após exclusão gradativa das variáveis com menores valores de comunalidade, a permanência apenas de variáveis da dimensão Educação. Havendo a melhora das cargas fatoriais confirmatórias com a permanência de apenas duas, a EDU1 e EDU4. Dessa maneira, decidiu-se colocar tais variáveis diretamente na dimensão cognitiva. Assim, são demonstrados na tabela 32 os valores da AFC para o fator cognitivo.

A respeito dos fatores Cognitivos em relação a suas variáveis observáveis, nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações.

Tabela 32

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural reespecificada – Fatores Cognitivos

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Cognitivo→EDU1	2,44	2,20	13,941	0,85	***
Cognitivo →EDU4	2,26	4,68	12,787	0,79	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Sobre as regressões das dimensões afetivas positivas Mídia, Aventura e Reflexão, em relação a suas variáveis observáveis, nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações. As quais são apresentadas na tabela 33.

Tabela 33

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Fatores Afetivos Positivos

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Mídia → MID1	1,00	4,12	--	0,76	***
Mídia → MID2	1,04	3,94	9,850	0,78	***
Mídia → MID4	0,95	4,25	10,110	0,74	***
Aventura → AVE3	1,00	5,23	--	0,64	***
Aventura → AVE5	1,60	1,37	7,340	0,93	***
Aventura → AVE6	1,35	2,33	7,002	0,86	***
Reflexão → REF1	1,00	2,38	--	0,86	***
Reflexão → REF3	1,03	2,68	14,826	0,86	***
Reflexão → REF4	0,75	5,21	10,484	0,65	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Outro dado notado ao realizar novamente a AFE, foi em relação aos fatores afetivos negativos, os quais indicaram a formação de apenas duas dimensões ao invés de três, havendo consequentemente a exclusão da dimensão Restrições Pessoais. A respeito das regressões das dimensões Medo e Falta de Curiosidade, em relação a suas variáveis observáveis, nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações. Como apresentado na tabela 34.

Tabela 34

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Fatores Afetivos Negativos

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Medo → MED1	1,00	2,59	--	0,84	***
Medo → MED3	0,96	3,25	10,397	0,80	***
Medo → MED5	0,61	2,89	9,365	0,67	***
Falta de Curiosidade → FAL2	1,00	4,65	--	0,61	***
Falta de Curiosidade → FAL4	1,41	5,05	7,405	0,75	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A respeito das regressões da dimensão Intenção de Visita em relação a suas variáveis observáveis, também nota-se que o valor de P em todas é menor do que 0,001. Indicando a significância das relações. Como exposto na tabela 35.

Tabela 35

Valores pré-requisitos para análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural – Intenção de Visita

Variável	Cargas Não Padronizadas	Erro Padrão	C.R	Carga Padronizada	P
Intenção de visita → INT1	1,00	2,41	--	0,87	***
Intenção de visita → INT2	0,93	3,71	14,787	0,80	***
Intenção de visita → INT3	1,03	2,15	17,436	0,89	***

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

São demonstrados na tabela 36 os valores de Alfa de Cronbach, Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta do modelos reespecificado.

Tabela 36

Análise de cargas fatoriais padronizadas do modelo estrutural do modelo reespecificado – Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta e Variância Média Extraída

Fator	Alfa de Cronbach	Confiabilidade Composta	Variância Média Extraída
Cognitivo	0,78	0,80	0,67
Mídia	0,80	0,42	0,57
Aventura	0,78	0,63	0,67
Reflexão	0,83	0,43	0,63
Medo	0,81	0,43	0,58
Falta de curiosidade	0,72	0,37	0,46
Intenção de visita	0,89	0,52	0,72

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Os valores de Alfa permanecem os mesmos, com exceção dos fatores cognitivos. Em relação à AVE, as dimensões Cognitiva, Mídia, Reflexão e Medo obtiveram valores iguais ao

modelo original, enquanto as dimensões Aventura e Intenção de visita atingiram valores maiores, e a Falta de Curiosidade valor menor. Havendo indicadores abaixo do limite nas dimensões Cognitiva, e Falta de Curiosidade. Já a Confiabilidade Composta dos fatores Cognitivos e Aventura aumentaram, enquanto a das dimensões Mídia, Reflexão, Medo, Falta de Curiosidade e Intenção de Visita diminuíram. Dessa forma, aponta-se que o modelo ainda é questionável.

Percebe-se através do exposto na tabela 37 que os índices de ajustamento do modelo reespecificado melhoraram como um todo. Os índices relativos, com exceção do NFI, ficaram dentro do ajustamento bom, os índices de parcimônia permanecem bem ajustados, assim como os de discrepância. O Qui quadrado também mostrou valor adequado, e o GFI limítrofe ao valor mínimo de referência. Indicando o melhor ajustamento do modelo reespecificado em relação ao original.

Tabela 37

Índice de ajustamento do modelo reespecificado

Índices	Grupo de índice	Resultados	Valores de referência (Marôco, 2010)
TLI	Índices relativos	0,908	[0,90 - 0,95 Ajustamento Bom > 0,95 Ajustamento Muito Bom
CFI		0,925	
NFI		0,841	
PCFI	Índices de parcimônia	0,757	0,6 - 0,8 Ajustamento Bom
PGFI		0,650	
RMSEA	Índice de discrepância populacional	0,071	< 0.05 - Ajustamento Bom
X ² /DF	Índices absolutos	2,141	1 - 2 Ajustamento Bom
GFI		0,882	0,90 - 0,95 Ajustamento Bom

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O R² da Intenção de Visita foi expressivamente superior ao modelo anterior, com R² igual a 0,72. Indicando que apesar das estatísticas inferiores aos recomendados na literaturadas análises de confiabilidade e fatorial confirmatória, o modelo estrutural demonstrou resultados satisfatórios, como indicado na tabela 37. Esses dados podem ter melhorado também devido ao reajuste no número de variáveis do modelo, havendo agora 10 respondentes por variável, o ideal de acordo com Marôco (2010).

O modelo estrutural reespecificado é apresentado na figura 7.

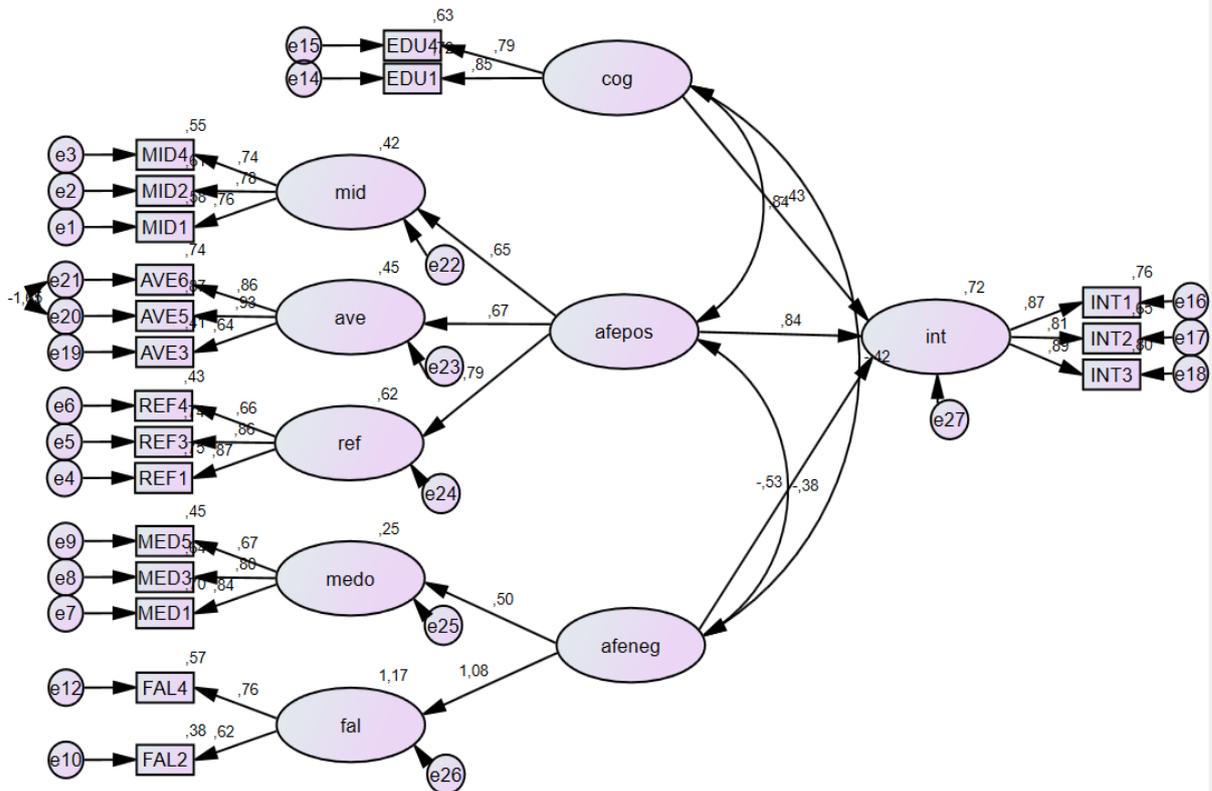


Figura 7 Modelo estrutural reespecificado

Os valores das trilhas apontadas para a Intenção de Visita também são superiores neste modelo, sendo 0,84 dos afetivos positivos, -0,53 dos afetivos negativos, e -0,43 dos cognitivos, esta última sendo significativa no modelo reespecificado.

4.6 Análise das hipóteses

As hipóteses do estudo são dedutivas, as quais decorrem de um determinado campo teórico, procurando comprovar deduções implícitas de tais teorias (Morais, 2005). Com base nos dados obtidos através da análise dos dados da pesquisa, obteve-se o seguinte entendimento acerca das hipóteses propostas:

H1: Os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo educacional em visitar os mesmos. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que as variáveis da dimensão Educação compuseram o fator cognitivo através de AFE e AFC através de cargas fatoriais com trilhas significativas ($p < 0,001$).

H2: Os fatores cognitivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo histórico em visitar os mesmos. Esta hipótese não foi confirmada (rejeitada), uma vez que todas as variáveis da dimensão história foram excluídas da composição dos fatores cognitivos através da análise fatorial exploratória.

H3: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de aventura em visitar os mesmos. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de 0,67.

H4: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no objetivo de reflexão em visitar os mesmos. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de 0,79.

H5: Os fatores afetivos positivos que motivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente pelo interesse criado pela mídia em visitar os mesmos. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de 0,65.

H6: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente na falta de curiosidade em visitar os mesmos. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de 1,08.

H7: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente em restrições pessoais para visitar os mesmos. Esta hipótese não foi confirmada (rejeitada), uma vez que todas as variáveis da dimensão restrições pessoais foram excluídas da composição dos fatores afetivos negativos através da análise fatorial exploratória.

H8: Os fatores afetivos negativos que desmotivam a visita a lugares onde ocorreram desastres ambientais podem ser refletidos positivamente no medo em visitar os mesmos. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de 0,50.

H9: Os fatores cognitivos afetam positivamente a intenção de visita. Esta hipótese não foi confirmada (rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como não-significativa ($p > 0,05$), além do coeficiente de trilha ser negativo, -0,43.

H10: Os fatores afetivos positivos afetam positivamente a intenção de visita. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de 0,84.

H11: Os fatores afetivos negativos afetam negativamente a intenção de visita. Esta hipótese foi confirmada (não-rejeitada), uma vez que a relação se apresentou como significativa ($p < 0,001$) e com um coeficiente de trilha de -0,53.

A influência dos fatores cognitivos em relação à intenção de visita, é contrário aos estudos de Yan, et al. (2016), o qual considerou a educação como fator motivador para visitar destinos *dark*. Assim como também não corrobora com Rucińska e Lechowicz (2014), as quais afirmam razões racionais (cognitivas) como motivos para visitar esses lugares, e com Best (2007) o qual sustentou a educação como principal experiência cognitiva. Contudo, os resultados corroboram com a tese de Yuill (2004), a qual relata que poucos visitantes do *Holocaust Museum Houston* são incentivados a viajar devido a um interesse pela história, dimensão excluída durante a reespecificação do modelo estrutural.

Os fatores afetivos positivos também apresentam valor satisfatório das trilhas. Dessa forma, os resultados aqui encontrados contradizem o estudo do modelo original de Zhang, et al. (2016), onde a influência da dimensão afetiva para a intenção de revisita a destinos *dark* não foi significativa, ao mesmo tempo em que corroboram com o estudo de Yan, et al. (2016) e Ashworth e Hartmann (2005), os quais indicam a curiosidade como um dos principais fatores para visitar lugares relacionados à morte e sofrimento. Assim como Yuill (2004), o qual aponta a mídia como fator motivador para destinos obscuros, mesmo que de forma secundária.

Ainda a respeito dos fatores afetivos positivos, a reflexão também foi apontada como fator influenciador na escolha de destinos de desastre, corroborando com os estudos de Amaral (2016), Best (2007), Kang et al. (2012) e Pratt, Tolkach & Kirillova (2019), o que indica que o fenômeno turístico pode levar indivíduos a buscar lugares fora de seu cotidiano para refletir.

Enquanto os afetivos negativos se mostraram relevantes na não intenção de visita a destinos de desastre, corroborando com o estudo de Best (2007) o qual afirma que o sentimento de medo é presente no *dark tourism*, e Zhang, et al. (2016) com relação à influência de restrições pessoais na vontade de viajar. Ao mesmo tempo os resultados são contrários ao estudo de Nawijn e Fricke (2015), os quais afirmavam que emoções negativas teriam maior magnitude do que as positivas em relação ao comportamento humano. Porém, a presente pesquisa aponta que questões afetivas positivas têm peso maior do que as negativas.

5 CONCLUSÕES

Neste capítulo são apresentadas as conclusões do trabalho, assim como suas implicações práticas e recomendações em âmbito acadêmico.

O turismo de desastre é um dos vários subsegmentos do *dark tourism*, se referindo a lugares onde ocorreram desastres ambientais. Apesar de ter sua prática criticada por perturbar os autóctones em um momento delicado, esse turismo traz consigo a premissa de ajudar o lugar financeiramente e/ou humanitariamente por meio de mão de obra dos próprios turistas que tiverem interesse. As motivações para visitar os destinos de desastre variam, sendo observadas nesse estudo os vieses racional e emocional que influenciam tal vontade.

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar as inter-relações entre fatores cognitivos e afetivos capazes de influenciar pessoas a visitarem lugares onde ocorreram desastres ambientais, atingido por meio de um modelo de pesquisa, baseado no modelo de Zhang et al. (2016), o qual investiga a intenção de revisitar um destino *dark*. Desse modo, foram utilizadas 9 dimensões (história, educação, mídia, aventura, reflexão, medo, restrições pessoais, falta de curiosidade e intenção de visita), além dos fatores cognitivos, afetivos positivos e negativos, resultando em onze hipóteses dedutivas. Após a análise, oito das onze hipóteses foram confirmadas. Podendo-se concluir pelas hipóteses aceitas que a intenção de visita a destinos de desastre é influenciada por questões afetivas do indivíduo, sendo estes incentivados pela mídia, sentimentos de aventura e reflexão, e desmotivados por medo ou simplesmente por falta de interesse, e também pelo interesse em aprender sobre a natureza e meio ambiente, não havendo motivação em viajar para lugares onde esta foi destruída.

Como já dito, o modelo estrutural de Zhang et al. (2016) foi utilizada como base principal para esta pesquisa, e após análise criteriosa da bibliografia acerca do turismo de desastre, foram compostas 43 variáveis para as dimensões tanto propostas quanto as reaproveitadas do modelo original. Sendo elas nove dimensões: história, educação, mídia, aventura, reflexão, medo, restrições pessoais, falta de curiosidade e intenção de visita. E no modelo reespecificado por 19 variáveis, havendo a exclusão da História e Restrições pessoais. Propôs-se verificar como elas compunham fatores cognitivos e afetivos positivos e negativos, e posteriormente como estes influenciam a intenção de viagem a destinos onde ocorreram desastres ambientais.

A fim de alcançar o objetivo proposto, foi construído um modelo de mensuração a partir da aplicação da análise fatorial exploratória (AFE), e posteriormente análise fatorial confirmatória (AFC), e após avaliação dos valores de cargas fatoriais, comunalidade, Teste de Barlett, coeficiente de Alfa de Cronbach, confiabilidade composta e variância média extraída, observou-se que as variáveis e dimensões apresentam instabilidades e dúvidas acerca de sua confiabilidade, em especial as dimensões história, e restrições pessoais por suas baixas cargas fatoriais. Além de nenhuma das demais variáveis ter obtido valores mínimos nas análises de confiabilidade composta e variância média extraída. Contudo, o modelo estrutural alcançou a aceitação de oito das onze hipóteses propostas.

Devido aos indicadores de ajustamento e confiabilidade baixos, foi proposto o modelo estrutural reespecificado, o qual obteve índices de ajustamento superiores ao original, apesar dos indicadores de confiabilidade novamente não terem alcançado os valores esperados.

Em suma, os dados obtidos e os modelos estrutural e de mensuração, em especial o reespecificado, obtiveram um bom resultado em relação às trilhas de regressão, e aos valores de R^2 . Apontando a influência de questões pessoais e características do indivíduo em relação ao seu interesse em viajar para lugares onde ocorreram desastres ambientais. E confirmando, através de testes e análises estatísticas, o modelo estrutural proposto.

5.1 Implicações teóricas da pesquisa

Apesar de não ser possível afirmar com exatidão que existem poucas pesquisas acerca do turismo de desastre, acredita-se, a partir do levantamento de estudos da área, que esse subsegmento não é explorado significativamente pela academia se comparado a outros campos de estudo em turismo. Desta maneira, entende-se que a presente pesquisa faz de grande importância para o âmbito teórico do turismo de desastre, além de contribuir também para estudos acerca do turismo que se utilizam do método quantitativo de análise de dados, neste caso específico, a Modelagem de Equações Estruturais.

A pesquisa também contribui para futuros estudos acerca da motivação de viagem para o turismo obscuro e seus subsegmentos, podendo servir como modelo base assim como o modelo de Zhang et al (2016) foi aqui utilizado.

5.2 Implicações práticas da pesquisa

Ser um destino de desastre dificilmente será algo planejado ou almejado pela população e órgãos públicos de uma localidade, uma vez que seu pré-requisito é uma tragédia ambiental, a qual resulta em perdas de fauna, flora, e possivelmente humanas. Porém, uma vez atingido por alguma calamidade ambiental, o lugar e seus habitantes têm a opção de transformar um evento majoritariamente negativo em lucro financeiro e ajuda filantrópica.

De acordo com Sharpley e Wright (2018) e Alikhani (2019), um destino de desastre só predomina enquanto suas consequências se mantêm visíveis, se tornando um destino *dark* após a revitalização do lugar. Contudo, a partir dessa pesquisa, acredita-se que o destino de desastre perdura por tempo indeterminado, sendo atemporal para aqueles que o desejem visitar por causa do desastre. Uma variável da dimensão Reflexão indica que a existência de vítimas também é um indicador para a intenção de visita, mesmo que as evidências e vestígios do desastre não sejam mais visíveis.

Portanto, lugares onde ocorreram desastres ambientais, mesmo que no passado, podem se transformar em destinos de desastre. Dessa maneira, esse estudo faz-se relevante para o meio prático, pois fornece informações acerca do público alvo desse segmento, e seus interesses, contribuindo para o planejamento turístico das localidades. Mesmo que as principais fontes de incentivo à visita dos destinos de desastre sejam afetivas, acredita-se que tais lugares consigam adequar-se a esse público, potencializando seus interesses emocionais nos mesmos, como demonstrar o lugar como templo de reflexão por meio de publicidade na mídia, incitando a curiosidade de potenciais turistas.

5.3 Recomendações e limitações do trabalho

Apesar da aceitação da maioria das hipóteses propostas, os resultados do estudo devem ser vistos com prudência, uma vez que houveram limitações na pesquisa. A principal delas se refere à amostra, a qual não filtrou pessoas que não tinham intenção de visitar destinos de desastre, pois limitaria e dificultaria obter o número de mínimo de respondentes, podendo ser essa a principal causa das adversidades acerca dos baixos valores de cargas fatoriais e índices de ajustamento do modelo. Sugere-se realizar pesquisas acerca da motivação em ir para destinos de desastre utilizando uma amostra composta exclusivamente por pessoas que já viajaram para esses lugares, podendo fazer análises mais aprofundadas não apenas sobre motivações, mas sobre a viagem em si.

Além disso, durante a pesquisa bibliográfica, foi-se observado o aparente baixo número de estudos acerca do turismo de desastre que envolvam o desenvolvimento de modelos de mensuração e estruturais. Fazendo-se a sugestão de que mais estudos da área avaliem não só o segmento como um todo, mas também o objeto de intenção de viagem para esses destinos, usando como base esta pesquisa e validando, ou refutando, as hipóteses aqui propostas. Além de estudos qualitativos que investiguem mais a fundo a temática, enriquecendo esse campo de estudo.

REFERENCIAS

- Ackermann, K. (2012). Disaster Tourism. *Jurnal Hokusei Junior College Houksei*, (10), 43-49.
- Alikhani, E. (2019). Searching for Seeds of Hope Out of the Darkness: The Study of Local Community Perceptions of Post-disaster Tourism in Bam, Iran (Mestre). The Artic University of Norway.
- Amaral, C. (2016). Prisões desativadas, museus e memória carcerária. *Revista Brasileira De Estudos Políticos*, (113), 289-334. <https://doi.org/10.9732/P.0034-7191.2016V113P289>.
- Amatuzzi, M. (2007). Experiência: um termo chave para a P sicologia. *Memorandum*, 13, 8-15.
- Andrews, C. (2018). *There's fun and thrilling history at the fabulous French theme park Puy du Fou*. The Sun. Retrieved 17 February 2020, from <https://www.thesun.co.uk/travel/6383505/theme-park-france-puy-du-fou/>.
- Ashworth, G., & Hartmann, R. (2005). Introduction: Managing atrocity for tourism. *Horror and human tragedy revisited: The management of sites of atrocities for tourism*, 1-14.
- Bagozzi, R. P., & Yi, Y. (1988). On the evaluation of structural equation models. *Journal of the academy of marketing science*, 16(1), 74-94.
- Bec, A., Moyle, B., Timms, k., Schaffer, V., Skavronskaya, L., & Little, C. (2019). Management of immersive heritage tourism experiences: A conceptual model. *Tourism Management*, 72, 117-120. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.10.033>
- Best, M. (2007). Norfolk Island: Thanatourism, history and visitor emotions. *Shima: The International Journal Of Research Into Island Cultures*, 1(2), 30-48.
- Biran, A., Liu, W., Li, G., & Eichhorn, V. (2014). Consuming post-disaster destinations: The case of Sichuan, China. *Annals Of Tourism Research*, 47, 1-17. doi: 10.1016/j.annals.2014.03.004.
- Boateng, H., Okoe, A., & Hinson, R. (2018). Dark tourism: Exploring tourist's experience at the Cape Coast Castle, Ghana. *Tourism Management Perspectives*, 27, 104-110. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tmp.2018.05.004>.
- Bomfim, P. R. C. M., Almeida, R. S. D., Gouveia, V. A. L., Macedo, M. A. D. S., & Marques, J. A. V. D. C. (2011). Utilização de análise multivariada na avaliação do desempenho econômico-financeiro de curto prazo: uma aplicação no setor de distribuição de energia elétrica. *Revista ADM. MADE*, 15(1), 75-92.
- Buhalis, D., & Law, R. (2008). Progress in information technology and tourism management: 20 years on and 10 years after the Internet—The state of eTourism research. *Tourism Management*, 29, 609-623. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.01.005>.

- Castro, A., & Rodriguez, G. (2009). Turismo de desastres: Aproximación a la explotación turística del desastre del prestige en la costa da morte. *Revista Galega De Economía*, 18(2), 1-20.
- Cohen, E. (1979). A phenomenology of tourist experiences. *Sociology*, 13, 179–201.
- Cooper, C. (2003). *Classic reviews in tourism* (pp. 1-8). Channel View Publications.
- Corrar, L. J., Dias Filho, J. M., & Paulo, E. (2009). Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia. Editora Atlas.
- Costa, W. (2013). *Na Rota do Cangaco, turistas fazem o trajeto da volante que matou Lampião*. G1 Alagoas. Retrieved 17 February 2020, from <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/na-rota-do-cangaco-turistas-fazem-o-trajeto-da-volante-que-matou-lampiao.html>.
- Da Hora, H. R. M., Monteiro, G. T. R., & Arica, J. (2010). Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o Coeficiente Alfa de Cronbach. *Produto & Produção*, 11(2).
- Damásio, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*, 18(2), 211-220.
- Dias, R. (2005). *Introdução ao turismo*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Epstein, S. (1998). *Advanced personality* (pp. 211-238). Springer US.
- Erfurt-Cooper, P., Sigurdsson, H., & Lopes, R. (2015). Volcanoes and Tourism. Retrieved 12 October 2019, from <https://www.elsevier.com/books/the-encyclopedia-of-volcanoes/sigurdsson/978-0-12-385938-9>.
- Figueiredo Filho, D. B., & Silva Júnior, J. A. D. (2010). Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. *Opinião pública*, 16(1), 160-185.
- Figueiredo, S., & Ruschmann, D. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, 7(1), 155-188.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of marketing research*, 18(1), 39-50.
- Fountain, J., & Cradock-Henry, N. (2020). Recovery, risk and resilience: Post-disaster tourism experiences in Kaikōura, New Zealand. *Tourism Management Perspectives*, 35, 100695. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100695>
- Franco, E. (2011). *Turismo catástrofe - ISTOÉ Independente*. ISTOÉ Independente. Retrieved 17 February 2020, from https://istoe.com.br/177920_TURISMO+CATASTROFE.
- Fratucci, A. (2008). A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: As possibilidades das redes regionais de turismo (Doutor). Universidade Federal Fluminense.

- Fritz, C. (1961). Disasters. In R. Merton & R. Nisbet (Eds.), *Contemporary social problems* (pp. 651–694). New York: Harcourt.
- Gil, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6th ed. São Paulo: Atlas.
- Goatcher, J., & Brunsdon, V. (2011). Chernobyl and the Sublime Tourist. *Tourist Studies*, 11(2), 115-137. doi: 10.1177/1468797611424956.
- Gotham, K. (2017). Touristic disaster: Spectacle and recovery in Post-Katrina New Orleans. *Geoforum*, (86), 127-135. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1016/j.geoforum.2017.09.005>.
- Hair-Júnior, J. F.; Anderson, R. E.; Tatham, R. L.; Black, W. C. (1998). *Multivariate data analysis*. New Jersey: Prentice Hall.
- Hair-Júnior, J. F.; Anderson, R. E.; Tatham, R. L.; Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. 5. Porto Alegre: Bookman.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman editora.
- Henderson, J. (2000). War as a Tourist Attraction: the Case of Vietnam. *International Journal Of Tourism Research*, (2), 269-280.
- Museu de Auschwitz tem recorde de visitantes em 2019*. Isoté. (2020). Retrieved 30 June 2020, from <https://istoe.com.br/museu-de-auschwitz-tem-recorde-de-visitantes-em-2019/>.
- Ivanova, P., & Light, D. (2018). ‘It’s not that we like death or anything’: Exploring the motivations and experiences of visitors to a lighter dark tourism attraction. *Journal of Heritage Tourism*, 13(4), 356-369.
- James, L., Mulaik, S., & Brett, J. M. (1982). *Causal analysis: Assumptions, models, and data*.
- Kang, E., Scott, N., Jeonglyeol, t. and Ballantyne, R. (2012). Benefits of visiting a ‘dark tourism’ site: The case of the Jeju April 3rd Peace Park, Korea. *Tourism Management*, (33), pp.257-265.
- Kashdan, T., & Roberts, J. (2006). Affective outcomes in superficial and intimate interactions: Roles of social anxiety and curiosity. *Journal Of Research In Personality*, 40(2), 140-167. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2004.10.005>
- Kerlinger, F. (2007). *Metodologia da pesquisa em ciencias sociais* (10th ed.). Epu.
- Kim, D., & Perdue, R. (2013). The effects of cognitive, affective, and sensory attributes on hotel choice. *International Journal Of Hospitality Management*, 35, 246-257. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.ijhm.2013.05.012>.
- Marczyk, G., DeMatteo, D., & Festinger, D. (2005). *Essentials of research design and methodology*. John Wiley & Sons.

- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de psicologia*, 65-90.
- Millsap, R. E., & Meredith, W. (2007). Factorial invariance: Historical perspectives and new problems. *Factor analysis at*, 100, 131-152.
- Moesch, M. (2002). *A produção do saber turístico*. São Paulo (SP): Contexto.
- Morais, C. (2005). Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística.
- Morrison, S., & Crane, F. (2007). Building the service brand by creating and managing an emotional brand experience. *Brand Management*, 14(5), 410-421.
- Mowatt, R., & Chancellor, C. (2011). Visiting death and life: Dark Tourism and Slave Castles. *Annals Of Tourism Research*, 38(4), 1410-1434. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.03.012>
- Nawijn, J., & Fricke, M. (2013). Visitor Emotions and Behavioral Intentions: The Case of Concentration Camp Memorial Neuengamme. *International Journal Of Tourism Research*, 17(3), 221-228. <https://doi.org/10.1002/jtr.1977>
- Neves, J. A. B. (2018). Modelo de equações estruturais: uma introdução aplicada.
- Olicshevis, G. (2006). Mídia e opinião pública. *Vernáculo*, (17 e 18), 91-99.
- Pezzi, E., & Vianna, S. (2015). A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. *Turismo Em Análise*, 26(1), 165-187. Retrieved 20 June 2020.
- Pine, B., & Gilmore, J. (1999). *The experience economy*. Harvard Business School Press.
- Phillips, D., Olson, J., & Baumgartner, H. (1995). Consumption Visions in Consumer Decision Making. *Advances In Consumer Research*, 22, 280-284.
- Podoshen, J. (2013). *Dark tourism motivations: Simulation, emotional contagion and topographic comparison*. journal homepage: www.elsevier.com/locate/tourman.
- Poria, Y., Butler, R., & Airey, D. (2004). Links between tourists, heritage, and reasons for visiting heritage sites. *Journal of Travel Research*, 43(1), 19–28.
- Pratt, S., Tolkach, D., & Kirillova, K. (2019). Tourism and death. *Annals Of Tourism Research*, 78, 1-12. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.102758>
- Prebensen, N., Chen, J., & Uysal, M. (2018). *Creating experience value in tourism* (pp. 1-2). Cabi.

- Richards, G. (1996). Production and consumption of European cultural tourism. *Annals Of Tourism Research*, 23(2), 261-283. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(95\)00063-1](https://doi.org/10.1016/0160-7383(95)00063-1)
- Rivera, D., Fa, M., & Villar, A. (2019). Delightful tourism experiences: A cognitive or affective matter?. *Tourism Management Perspectives*, 32, 1-12. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tmp.2019.100569>
- Rondelli, E. and Herschmann, M. (2000). A mídia e a construção do biográfico o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social*, 12(1).
- Rucińska, D. (2016). Natural Disaster Tourism as a Type of Dark Tourism. *International Scholarly And Scientific Research & Innovation*, 10(5), 1385-1389. Retrieved 22 July 2020
- Rucińska, D., & Lechowicz, M. (2014). Natural hazard and disaster tourism. *Miscellanea Geographica - Regional Studies On Development*, 18(1). doi: 10.2478/mgrsd-2014-0002.
- Sand, M., & Gross, S. (2019). Tourism research on adventure tourism – Current themes and developments. *Journal Of Outdoor Recreation And Tourism*, 28, 100261. <https://doi.org/10.1016/j.jort.2019.100261>
- Santos, A. C. D., & Ferreira, D. F. (2003). Definição do tamanho amostral usando simulação Monte Carlo para o teste de normalidade baseado em assimetria e curtose: I. Abordagem univariada. *Ciência e Agrotecnologia*, 27(2), 432-437.
- Seaton A. V. (1996) Guided by the Dark: from thanatopsis to thanatourism. *Journal of Heritage Studies*, 2 (4), 234-244.
- Sharpley R. (2005) Travels to the edge of darkness: towards a typology of dark tourism. In: Ryan C., Page S. and Aicken M. (eds) *Taking Tourism to the Limit*, London: Elsevier. Chapter 4.
- Sharpley, R., & Wright, D. (2018). Disasters and Disaster Tourism: The Role of the Media. In P. Stone, R. Hartmann, T. Seaton, R. Sharpley & L. White, *The palgrave handbook of dark tourism studies* (1st ed., pp. 335 - 354). Palgrave Handbooks.
- Silva, M., & Carvalho, Y. (2018). Compreendendo o dark tourism em Curitiba. In *Semana Paranaense de turismo da UFPR* (pp. 1-14). Curitiba.
- Song, X., & Lee, S. (2012). A tutorial on the Bayesian approach for analyzing structural equation models. *Journal Of Mathematical Psychology*, 56(3), 135-148. <https://doi.org/10.1016/j.jmp.2012.02.001>.
- Soro, E. (2019). Dark tourism: Profiles, niches, motivations and experiences at a global level. *The Ostelea School Of Tourism & Hospitality*, 1-39.
- Stone, P. (2005). Dark Tourism – an old concept in a new world. *TOURISM Magazine by the Tourism Society*, [online] pp.1-5. Available at: https://works.bepress.com/philip_stone/26/ [Accessed 20 Oct. 2019].

Stone, P. (2006). A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attraction and exhibitions. *Tourism Management*, 54(2), pp.145-160.

Su, D. N., Nguyen, N. A. N., Nguyen, Q. N. T., & Tran, T. P. (2020). The link between travel motivation and satisfaction towards a heritage destination: The role of visitor engagement, visitor experience and heritage destination image. *Tourism Management Perspectives*, 34, 100634.

Sugathan, P., & Ranjan, K. (2019). Co-creating the tourism experience. *Journal Of Business Research*, 100, 207-217. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.03.032>

Tarlow P. E. (2005) Dark Tourism: The appealing ‘dark side’ of tourism and more. In: Novelli M. (ed) *Niche Tourism – Contemporary Issues, Trends and Cases*. Oxford: Butterworth- Heinemann. 47-58.

Tomašević, Amelia. (2018). Cemeteries as tourist attraction. *Turisticko poslovanje*. 2018. 13-24. 10.5937/TurPos1821013T.

Tung, V., & Ritchie, J. (2011). Exploring the essence of memorable tourism experiences. *Annals Of Tourism Research*, 38(4), 1367-1386. <https://doi.org/doi:10.1016/j.annals.2011.03.009>.

Uchiyama, Y., & Kohsaka, R. (2016). Cognitive value of tourism resources and their relationship with accessibility: A case of Noto region, Japan. *Tourism Management Perspectives*, 19, 61-68. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.tmp.2016.03.006>.

Valio, M. (2006). Turismo cemeterial. *Revista turismo*. [online] Available at: <https://www.revistaturismo.com.br/artigos/cemeterial.html> [Accessed 24 Oct. 2019].

Veal, A. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. 4th ed. São Paulo: Aleph.

Wongpakaran, T., Wongpakaran, N., & Ruktrakul, R. (2011). Reliability and validity of the multidimensional scale of perceived social support (MSPSS): Thai version. *Clinical practice and epidemiology in mental health: CP & EMH*, 7, 161.

Wright, D. (2018). Terror park: A future theme park in 2100. *Futures*, 96, 1-22. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2017.11.002>.

Yoshida, K., Bui, H., & Lee, T. (2016). Does tourism illuminate the darkness of Hiroshima and Nagasaki?. *Journal Of Destination Marketing & Management*, 1-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jdmm.2016.06.003>.

Yan, B., Zhang, J., Zhang, H., Lu, S., & Guo, Y. (2016). Investigating the motivation experience relationship in a dark tourism space: A case study of the Beichuan earthquake relics, China. *Tourism Management*, (53), 108-121.

Yuill, S. M. (2004). *Dark tourism: understanding visitor motivation at sites of death and disaster* (Doctoral dissertation, Texas A&M University).

Zhang, H., Yang, Y., Zheng, C., & Zhang, J. (2016). Too dark to revisit? The role of past experiences and intrapersonal constraints. *Tourism Management*, *54*, 452-464. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2016.01.002>